

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

GERMANA LIGIA DE FARIAS ARAUJO

ENTRE FÓRMULAS, EXPERIMENTOS E HISTÓRIAS:

Como a ciência era vista através das obras literárias *Frankenstein* e *A Nova Califórnia*

São Luís

2017

GERMANA LIGIA DE FARIAS ARAUJO

ENTRE FÓRMULAS, EXPERIMENTOS E HISTÓRIAS:

Como a ciência era vista através das obras literárias *Frankenstein* e *A Nova Califórnia*

Monografia apresentada ao Curso de História
da Universidade Federal do Maranhão, para
obtenção do grau de Licenciatura em História

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Régia Agostinho da Silva

SÃO LUÍS

2017

GERMANA LIGIA DE FARIAS ARAUJO

ENTRE FÓRMULAS, EXPERIMENTOS E HISTÓRIAS:

Como a ciência era vista através das obras literárias *Frankenstein* e *A Nova Califórnia*

Monografia apresentada ao Curso de História
da Universidade Federal do Maranhão, para
obtenção do grau de Licenciatura em História

Aprovada em: __/__/__

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Régia Agostinho da Silva (Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Fernanda Rodrigues Galve

Prof.^a Dr.^a Naiara Sales Araújo Santos

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, e a Nossa Senhora da Conceição, sem os quais eu não conseguiria ter chegado aqui.

Aos meus pais, meu irmão e minha madrinha, pela compreensão e disposição para ajudar em tudo que lhes fosse possível.

A professora Régia, minha orientadora, por sua inestimável ajuda, por sua disponibilidade e por sua paciência.

Aos meus colegas do grupo de estudo sobre História e Literatura, em especial Elisangela e Hiago, pelas conversas e pelo *feedback* que tanto me ajudou na confecção desse trabalho

E aos meus queridos amigos Rafael, Cristina, Moacir e Rafele, pelo apoio e por acreditar em mim quando eu mesma duvidava.

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar as obras literárias *Frankenstein ou o Prometeu Moderno* da inglesa Mary Shelley, e *A Nova Califórnia*, do brasileiro Lima Barreto, à luz das concepções de ciência que começavam a se tornar populares tanto na Inglaterra da primeira metade do século XIX, onde foi produzido o romance, quanto no Brasil no começo do século XX, momento em que o conto foi escrito. Para isso, são utilizados brevemente os conceitos de representação presentes no trabalho de Roger Chartier, além das diferenças entre as análises sobre história e literatura feitas tanto por historiadores quanto por críticos literários. Apesar da distância entre esses dois lugares, tanto no espaço quanto no tempo, eles revelam muitas semelhanças entre si, principalmente no que diz respeito ao modo como lidavam com a urbanização que estava começando, de forma mais contundente, a fazer parte da realidade dessas duas sociedades, além da maneira com que a população, e em especial a parte mais intelectualizada dela, encarava as questões referentes às diversas descobertas científicas e às consequentes novidades tecnológicas que estavam tão presentes e como a euforia e os temores ocupavam espaços igualmente relevantes nesses contextos. Dessa forma, por mais diferentes que essas duas obras e seus respectivos autores possam ser em um primeiro olhar, é possível encontrar algumas semelhanças entre elas, já que ambas abordam de forma positiva o conhecimento científico em si, criticando o mau uso que se faz dele e as consequências desastrosas de se tentar atravessar as fronteiras entre a vida e a morte e de colocar as ambições pessoais à frente das melhorias que a ciência pode proporcionar.

Palavras-chave: Ciência. Literatura. Frankenstein. A Nova Califórnia.

ABSTRACT

This work has the objective to analyze the works of literature *Frankenstein or the Modern Prometheus* from Mary Shelley, and *A Nova Califórnia*, from Lima Barreto, in light of science conceptions that start to become popular as in first half XIX century England, where the novel was produced, as in Brazil of XX century beginning, when the tale was written. To realize that, the conceits of representation presents in the Roger Chartier's work were briefly used, in addition of the differences among the analyses about history and literature made by historians and literary critics. Despite the distance between this places, as in space as in time, they reveal a lot of similarities to each other, mainly concerning the way how they deal with the urbanization that was beginning to be part of this two societies' reality in a more incisive way, besides the mode that the population, specially the most intellectualized part of it, faced the questions referring to the various scientific discoveries and their consequent technologic news that was very present and how the euphony and the fears occupied the same relevant space in these contexts. Thus, for more different these two works and their respective authors may be in a first look, it is possible to find out some similarities between them, since both approach positively the scientific knowledge itself, criticizing the misuse that is made of it, and the disastrous consequences of trying to cross the boundaries between life and death and of putting personal ambitions ahead of the improvements provided by science.

Keywords: Science. Literature. Frankenstein. A Nova Califórnia.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 AS DIVERSAS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA EUROPA DO SÉCULO XIX	14
2.1 A sociedade industrial: nascimento e ascensão	14
2.2 As ciências: desenvolvimento nas diversas áreas	18
2.3 As artes: ferramenta social e em forma de entretenimento	22
3 FRANKENSTEIN, DE MARY SHELLEY: A OBRA EM SUAS DIFERENTES FACETAS.....	28
3.1 Visão geral	28
3.2 O lado moral: a (falta de) ética em Frankenstein	30
3.3 O lado racional: ciência ou alquimia?	34
4 O BRASIL NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DE A NOVA CALIFÓRNIA, DE LIMA BARRETO	40
4.1 O Brasil no começo do século XX: problemas e soluções.....	40
4.2 Lima Barreto e a ciência em A Nova Califórnia	44
4.3 Frankenstein e A Nova Califórnia: divergências e convergências	50
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS.....	57

1 INTRODUÇÃO

Desde tempos muito antigos, a literatura tem ocupado um espaço privilegiado entre as formas de expressão do conhecimento humano, pois consegue entreter e, ao mesmo tempo, alargar horizontes e explorar possibilidades. Nas suas várias formas de existir, ela faz com que o leitor embarque nas informações contidas e ilustra, muitas vezes de uma forma mais assimilável ao público, questões consideradas de entendimento mais complexo, o que facilita a disseminação destes. Em outras palavras: “(...) a literatura utiliza a palavra escrita para dar voz a uma geração, revelando acontecimentos do presente ou projeções para o futuro. E ainda expõe sentimentos que embora, aparentemente, sejam apresentados como individuais, representam um sentir inerente ao coletivo.”¹ Esse fascínio que ela exerce, contudo, passou por uma espécie de “categorização” no século XIX, que fez com que os autores passassem a fazer parte de uma hierarquia, que definia as obras de “qualidade” (que deveriam ser estudadas nas escolas e universidades, e, por consequência, conhecidas pelo público) e as que não eram tão “boas” assim (e que, por isso, ficariam à margem do cânone estabelecido)².

A história, por sua vez, vem desde a Grécia antiga tratando do estudo dos acontecimentos considerados relevantes (ou que pelo menos se acreditava serem dignos de nota) para a humanidade, utilizando-se, muitas vezes, de métodos narrativos semelhantes aos que eram usados para fazer literatura propriamente dita. No século XIX, porém, com o advento do interesse pelas chamadas “ciências sociais” (e sua posterior inclusão acadêmica), a história, incluída entre elas, ganhou um *status* de “ciência” e passou, então, a se ocupar da narração pura e simples (feita de uma forma “exata”, como se pretendiam as ciências da época) de acontecimentos predominantemente políticos (pois somente esses interessariam aos relatos históricos), usando para isso apenas fontes “oficiais”, como documentos escritos, jornais, etc. “A ‘história’ era considerada um modo específico de existência, a ‘consciência histórica’ um modo preciso de pensamento, e o ‘conhecimento histórico’ um domínio autônomo no espectro das ciências humanas e físicas.”³. Somente a partir do começo do

¹ MARTINS, Jucélia de Oliveira. I, (Good or Bad) Robot?: A Incidência do Complexo de *Frankenstein* na Versão Literária e Cinematográfica do Clássico Asimoviano. In: SANTOS, Naiara Sales Araújo (org.) **O Discurso (pós)moderno em foco: Literatura, Cinema e outras Artes**. São Luís: EDUFMA, 2014, p. 49.

² SOUZA, Roberto Acízelo de. A História Literária. In: _____. **História da Literatura: Trajetórias, Fundamentos, Problemas**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014, p. 51-71.

³ WHITE, Hayden. **Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, p. 17.

século XX, com a escola dos *Annales* e a profusão de estudos que visavam outros tipos de história, como a econômica, a social e a cultural, que outras fontes passaram a ser consideradas válidas para o melhor entendimento da sociedade e do homem dentro dela. Como diz Roger Chartier:

(...) a história das mentalidades construiu-se aplicando a novos objectos [sic] os princípios de inteligibilidade utilizado na história das economias e das sociedades, como sejam a preferência dada ao maior número, logo à investigação da cultura tida como popular; a confiança nos números e na quantificação; o gosto pela longa duração; a primazia atribuída a um tipo de divisão social que organizava imperativamente a classificação dos factos [sic] de mentalidade. *As características próprias da história cultural assim definida, que concilia novos domínios de investigação com a fidelidade aos postulados da história social, eram como que a tradução da estratégia da própria disciplina*, que visava a apropriação de uma nova legitimidade científica, apoiada em aquisições intelectuais que tinham fortalecido o seu domínio institucional.⁴

Dentre essas novas fontes utilizadas (que foram se alargando a ponto de abarcar, para alguns teóricos, objetos, móveis e construções arquitetônicas) encontra-se a literatura, que passou a ocupar um lugar bastante importante entre as formas de estudo, pois se misturava, na forma de se apresentar, de um modo muito significativo com a história (embora o conteúdo se revelasse diferente). Várias análises sobre as estruturas dos discursos e os seus consequentes desdobramentos foram ganhando cada vez mais destaque, mostrando uma fluidez nos resultados que chegou a por em dúvida o *status* “científico” da história, como evidencia Hayden White: “Pensadores da Europa continental (...) expressaram sérias dúvidas sobre o valor de uma consciência especificamente ‘histórica’, sublinharam o caráter fictício das reconstruções históricas e contestaram as pretensões da história a um lugar entre as ciências.”⁵

Dessa maneira, os estudos sobre história e literatura (e sobre o modo como elas deviam ser compostas) foram se aproximando cada vez mais, a ponto de se considerar a história como uma espécie de narrativa literária, já que ela não se mostraria tão mais realista que uma obra considerada literária de forma propriamente dita. Ou, em outras palavras, considerava-se “o labor histórico como o que ele manifestamente é, a saber: uma estrutura verbal na forma de um discurso narrativo em prosa que pretende ser um modelo, ou ícone, de estruturas e processos passados no interesse de *explicar o que eram representando-os*.”⁶

⁴ CHARTIER, Roger. *Por uma sociologia histórica das práticas culturais*. In: _____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL/BERTRAND, 1990, p. 15; grifo nosso.

⁵ WHITE, 1995, p. 17.

⁶ WHITE, 1995, p. 18; grifo do autor.

Assim, é possível perceber em que consistiam alguns dos modos como o estudo e a construção do conhecimento histórico eram entendidos de acordo com essas teorias e que tentam explicar o espaço que a história ocupa dentro desse novo meio acadêmico, que se modifica acompanhando a sociedade a que pertence, mesmo estando abalado por algumas das consequências trazidas pela modernidade que havia gerado tantas expectativas no século anterior. Nesse contexto, a academia se esforça para entender qual é o papel que ela passa a desempenhar nesse meio, embora veja muitas dificuldades em entender quais seriam os métodos mais apropriados para se estudar o passado sem cair na armadilha de narrar os acontecimentos exatamente como eles ocorreram.

Por outro lado, a literatura também passa por modificações de análise que definem um novo modo de enxergar a realidade através dela. Segundo Roberto Souza, essas crises coincidem com aquelas que também atingem a história, e ocorrem por razões muito parecidas, uma vez que uma das razões de contestação

partiu de uma espécie de amplo reconhecimento do papel central desempenhado pela linguagem em todos os aspectos das atividades humanas, o que conduziu as ciências sociais em geral à conclusão de que os assim chamados “fatos”, longe de corresponderem a conteúdos substantivos, não constituem senão construções linguísticas, arranjos verbais, sendo, portanto, efeitos do discurso, e não “coisas” existentes por si mesmas.⁷

Ou seja, passou-se a acreditar, através de teorias vindas de vários lugares das ciências sociais e de estudos sobre as estruturas da linguagem e da palavra em si, que ganharam uma força cada vez maior dentro desse contexto, que não era possível alcançar o passado de modo exato, mas somente através dos filtros que chegam daquela época (com toda a carga de interesses inserida neles) e são utilizados para se compreender o discurso mais interessante para aqueles que o montaram. Desse modo, a literatura também se mostraria uma forma de se analisar esse discurso, pois, ao trabalhar com possibilidades de realidade, explorando de diferentes maneiras os vários acontecimentos, pode ser percebida como outra maneira de se construí-lo, seja para corroborar, fazendo uma espécie de “propaganda” ao mostrar as vantagens daquele sistema vigente, ou para discordar dele, utilizando-se, para isso, de possíveis distorções dessa realidade.

Com todas as diferenças (e semelhanças) existentes entre as duas, e com as devidas precauções ao se considerar as mensagens transmitidas por ambas, é válido aproximar os estudos entre história e literatura, uma vez que para tentar se entender a realidade (ou as

⁷ SOUZA, 2014, p. 64.

representações existentes dela), esta é uma forma bastante legítima e considerável, sendo o objetivo do presente trabalho tentar mostrar algumas dessas maneiras utilizadas pela literatura para entender o mundo ao seu redor ao mesmo tempo que (mesmo com limitações) o influencia.

Para isso, foram utilizadas duas obras: o livro *Frankenstein ou o Prometeu Moderno*, da inglesa Mary Shelley, publicado pela primeira vez em 1818, e o conto *A Nova Califórnia*, do brasileiro Lima Barreto, de 1910. A primeira conta a história do dr. Victor Frankenstein, um cientista que descobre o segredo da origem da vida e passa a se dedicar inteiramente na criação de um ser a partir dessa descoberta. Quando isso acontece, porém, ele rejeita essa criatura que, triste e furiosa por não ser aceita tanto por ele quanto pelo restante da sociedade, causa a ruína do cientista, tirando a vida de todas as pessoas que lhe importavam.

Filha de dois intelectuais, Mary Wollstonecraft Shelley nasceu em 1797. Desde criança teve contato próximo com grandes poetas e filósofos da Europa. Em 1814, conheceu seu futuro marido, o poeta Percy Shelley; dois anos depois, passaram uma temporada na propriedade de Lorde Byron, amigo da família. Porém, o tempo era, em sua maior parte, frio e chuvoso (1816 ficou conhecido posteriormente como “o ano sem verão”), o que fez com que eles passassem os dias lendo e conversando sobre assuntos diversos. Diante disso, foi proposto um desafio: cada um dos amigos presentes (Mary, Percy, Byron e John Polidori) deveria escrever uma história de terror. A de Mary (*Frankenstein*) foi a única concluída, sendo publicada dois anos depois e tornando-se a sua obra-prima. Após isso, ela escreveu alguns outros romances como *Perkin Warbeck* e *The Last Man*, além de editar alguns poemas de seu marido. Morreu em 1851⁸.

Segundo ela mesma declara⁹, desde criança já apresenta inclinação para imaginar histórias, embora não tivesse necessariamente vontade de escrevê-las. Após as conversas que ouviu sobre os possíveis males da ciência, porém, teve a inspiração necessária para criar uma história que mexesse com os desdobramentos do uso irresponsável de tais conhecimentos e cuja influência pode ser sentida até os dias de hoje.

A outra obra a ser analisada é o conto *A Nova Califórnia*, escrito em 1910 pelo carioca Lima Barreto, em que é narrada a mudança de rotina da pequena cidade de

⁸ <<http://web.quipo.it/frankenstein/maryshelley.htm>>. Acesso em 24 de jun. 2017.

⁹ SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o Prometeu Moderno**. São Paulo: Martin Claret, 2012, p. 9.

Tubiacanga com a chegada de Raimundo Flamel, um misterioso e recluso cientista que, um dia, procura figuras influentes para serem testemunhas de sua descoberta: como transformar ossos humanos em ouro. A partir daí, começam a ser notados furtos no cemitério da cidade. Diante da revolta da população, é revelado que os ladrões são as mesmas testemunhas da experiência de Flamel e, com a promessa de compartilhamento da descoberta, toda a população vai aos túmulos brigar pelos ossos, causando uma carnificina nunca vista na cidade.

Esse conto contém muito da linguagem irônica que é uma das principais características da obra de Afonso Henriques de Lima Barreto. Nascido em 1881, filho de mestiços pobres, cedo ficou órfão de mãe. Começou o curso Engenharia na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, mas precisou abandoná-lo para sustentar os irmãos depois que seu pai foi internado como louco, tornando-se escriturário do Ministério da Guerra e colaborador de vários jornais do Rio de Janeiro. É nesse momento que escreve os seus romances, como *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, *Triste Fim de Policarpo Quaresma*, entre outros. Seu espírito inquieto, aliado à falta de reconhecimento de seu trabalho, o leva a depressão e, conseqüentemente, ao alcoolismo e a internações no hospício. Morre em 1922¹⁰.

Esses dois trabalhos, escritos em lugares e épocas tão diferentes, apresentam algo em comum: as conseqüências desastrosas que o mau uso da ciência pode causar na vida das pessoas e da sociedade, explorando as possibilidades que a literatura proporciona para fazer essa mensagem chegar de forma mais palatável a um maior número de pessoas.

Para a análise, este trabalho foi dividido em três capítulos; no primeiro, é vista a situação na Europa (em especial na Inglaterra) durante a Revolução Industrial: como era o ambiente na sociedade, nas ciências e nas artes, que são importantes para se compreender, em partes, em que contexto surgiu *Frankenstein*.

No segundo capítulo, é feita a análise do livro em si; primeiramente, tentando-se descortinar o panorama da criação da obra, e examinando-a sob dois aspectos: o *moral*, onde observa-se as atitudes do dr. Victor sob o ponto de vista da ética, e o *racional*, que tenta entender o papel que a ciência desempenha (e onde ela deixa a desejar) na criação do monstro.

E no terceiro capítulo, chega-se ao Brasil, considerando o processo de urbanização do país no começo do século XX, onde os discursos racionalistas começaram a ganhar mais

¹⁰ <www.ebiografia.com/lima_barreto>. Acesso em 24 de jun. de 2017.

espaço; em seguida entra-se na análise do conto *A Nova Califórnia*, tentando entendê-lo em sua crítica ao cientificismo; e, por fim, é feita uma breve comparação entre as duas obras, verificando suas diferenças e semelhanças.

2 AS DIVERSAS TRANSFORMAÇÕES OCORRIDAS NA EUROPA DO SÉCULO XIX

2.1 A sociedade industrial: nascimento e ascensão

No final do século XVIII, o mundo ocidental havia sofrido relativamente poucas modificações em relação ao que era no início do século XVII. É bem verdade que as cidades renasceram nesse período, e que isso possibilitou, em parte, que o comércio nessa parte da Europa pudesse se intensificar, tornando-se elo entre as várias localidades. Essa integração permitiu que esse pedaço da civilização se tornasse maior e mais desenvolvido, e que as semelhanças (e diferenças) ficassem mais evidentes. Contudo, as sociedades ainda eram essencialmente rurais, e os horizontes das pessoas, mesmo dos habitantes das grandes cidades, ainda eram bastante limitados em termos de comunicação com outras áreas e conhecimentos sobre o que ia além daquilo que era estritamente necessário à sobrevivência, ou seja, esses indivíduos (especialmente os que viviam na parte rural, e que eram a maioria nessa época) ainda viviam as suas vidas na mesma área onde nasciam, praticamente sem contato com outras partes, tendo seus costumes basicamente voltados para a comunidade e os afazeres cotidianos, sobrando (com notáveis exceções) relativamente pouco espaço para ações que fossem além, como o estudo formal ou mesmo o aprendizado das atividades intelectuais mais básicas: ler e escrever.¹¹

No entanto, essa realidade foi, aos poucos, se modificando, principalmente nas cidades, que foram lentamente aumentando de número (embora, nesse primeiro momento, não tenham ultrapassado a parte rural). Acompanhando esse ganho de habitantes, cresceu também o número de fábricas e a sua produção que foi, aos poucos, se tornando grande o suficiente para ir ditando o ritmo de vida nas cidades. Para essas pessoas que estavam chegando, os hábitos lentos e tranquilos do campo foram ficando cada vez mais em um passado distante, dando lugar a um estilo de vida intenso e movimentado, que corria com uma rapidez até então desconhecida não só por eles, mas por todos. A economia estava sofrendo uma modificação

¹¹ HOBBSBAWN, Eric J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008, p. 28-31.

profunda, que logo se expandiria para as demais esferas da sociedade, dando uma nova dimensão ao termo *revolução*¹².

Embora algumas outras regiões também tenham desenvolvido certo tipo de sistema industrial (de influência mais localizada), foi na Grã-Bretanha que nasceu o que convencionamos chamar de *Revolução Industrial*. Como diz Eric Hobsbawn: “(...) É evidente que isto não foi acidental. Se tivesse que haver uma disputa pelo pioneirismo da revolução industrial no século XVIII, só haveria de fato um concorrente a dar a largada (...) a Grã-Bretanha já estava (...) bastante à frente de seu maior competidor em potencial (...)”¹³. Possuidora de um Estado que era relativamente estável (para os padrões da época) devido a diversos fatores¹⁴, a Inglaterra era o único país com força suficiente não só para desenvolver a economia industrial, como também para expandi-la para as outras partes sob a sua influência (direta ou indireta), fazendo com que a revolução tomasse proporções mundiais, espalhando (e comandando) o “progresso” desse modelo fabril.

Nesse primeiro momento, a indústria têxtil (mais especificamente a de algodão) surge como o principal ramo a ser explorado devido, em grande parte, ao intenso comércio colonial que, além de fornecer a matéria-prima a um preço rentável o suficiente para permitir o investimento na maquinaria industrial e ainda obter lucros satisfatórios, poderia também ampliar o mercado consumidor para além da população local (que, embora estivesse crescendo, ainda não possuía tamanho e condições suficientes para o consumo em massa desses produtos). Desse modo, as fábricas de tecidos apareceram de forma crescente na Inglaterra (começando pelo norte, na região de Lancashire, e logo se espalhando pelo resto do país), logo acompanhadas principalmente pelas indústrias de metais, alimentação, papelaria e construção civil; todas elas abastecidas por uma mão de obra que se sustenta com um salário que, além de já ser considerado pequeno, ainda era passível de ficar menor, uma vez que é a primeira coisa a ser diminuída quando, por alguma crise econômica interna ou externa, os custos com a matéria-prima ou a produção crescem. De novo, é Hobsbawn que esclarece: “(...) o encolhimento das margens de lucro tinha que ser contido ou ao menos desacelerado.

¹² MAYER, Arno J. **A Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, pp. 13-25.

¹³ HOBSBAWN, 2008, p. 52

¹⁴ Entre esses fatores, pode-se destacar a questão da chamada Revolução Gloriosa, que permitiu à Inglaterra ter um outro tipo de relação com o seu Estado, mais independente dele, diferente das monarquias absolutistas existentes no restante da Europa. Para mais sobre essa questão, cf. THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998; e HOBSBAWN, 2008, p. 52-57.

(...) E, de todos os custos, os *salários* (...) eram os mais comprimíveis.”¹⁵. E continua: “Eles [os salários] podiam ser comprimidos pela simples diminuição, pela substituição de trabalhadores qualificados, mais caros, e pela competição da máquina com a mão de obra (...).¹⁶”. Dessa maneira, os trabalhadores das fábricas ganhavam, em troca de muitas horas de trabalho, o mínimo possível para que pudessem se manter. Isso fazia com que eles vivessem em condições consideradas de miséria que aumentavam cada vez mais, acompanhando os centros econômicos, que viam sua população inchar sem que tivessem condições para abrigar todos de forma satisfatória.

Assim, uma cidade como Londres, capital da Inglaterra e grande centro industrial, logo viu sua população se multiplicar de maneira vertiginosa em pouco tempo. Segundo Maria Stella Bresciani¹⁷, essas pessoas ocupavam, geralmente, a parte mais pobre da cidade (embora fossem encontrados “bolsões” de miséria mesmo nas áreas mais ricas) que passou a receber, com o tempo, a denominação genérica de East End. Situada no meio da parte industrial, essa região da cidade era, contudo, evitada pelos demais habitantes, tornando-se para os londrinos (segundo se dizia à época) tão desconhecida quanto as colônias britânicas situadas na África, Ásia ou Oceania.¹⁸

Ainda segundo a autora, a realidade no East End era, contudo, bem conhecida, pois não diferia muito do restante da parte industrial (embora lá a pobreza fosse, obviamente, mais aguda). Toda a cidade parecia infectada pela febre dos novos tempos que, enquanto chocava os contemporâneos exercia certo fascínio sobre eles. A vida na multidão, onde cada pessoa deixa de ser única para se tornar parte de um todo, de uma massa (a própria ideia de “massa” surge nesse período) ao mesmo tempo em que, contraditoriamente, predomina a individualidade, uma espécie de egoísmo que não permite que as pessoas olhem para além dos próprios problemas, é algo que chama a atenção, principalmente dos estrangeiros que chegam à cidade. “Os observadores contemporâneos são unânimes ao afirmar que o assustador contraste entre a opulência material e a degradação do homem fazia de Londres uma

¹⁵ HOBSBAWN, 2008, p.68; grifo do autor.

¹⁶ HOBSBAWN, 2008, p.68.

¹⁷ BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004.

¹⁸ BRESCIANI, p.26.

singularidade absoluta”¹⁹. Nesse momento, Londres era a capital e representante máxima do mundo industrial, com seus benefícios e suas mazelas, onde uma nova categoria possuía enorme potencial para preocupar o Estado e as classes que dominavam tanto a economia (os donos das indústrias) quanto a política (os governantes): os chamados e considerados *vagabundos* (uma denominação própria da época), que eram basicamente aqueles que não trabalhavam e, conseqüentemente, não conseguiam se sustentar por conta própria. Para essas pessoas, havia duas maneiras de sobreviver: através da *mendicância*, ou seja, pedindo ajuda e contando com a caridade dos mais favorecidos (e do Estado) ficando, contudo, espalhados pelas ruas “poluindo” ainda mais a cidade. Outra maneira de conseguir algo quando não se tinha um trabalho regular era através da *marginalidade*. Isso acabava fazendo com que trabalhadores pobres, marginais e mendigos fossem tratados de maneira semelhante pelo Estado, por estarem muito próximos nas condições sociais e até mesmo fisicamente, já que viviam nas mesmas regiões da cidade e dividiam, muitas vezes, as mesmas habitações.

Os locais onde se agrupavam essas categorias de pessoas (trabalhadores pobres, vagabundos, prostitutas, etc.) eram motivo de atenção constante do Estado e dos observadores, pois, além de estarem espalhados pelas mais variadas partes da cidade, ainda carregavam toda a sorte de hábitos considerados impróprios para a saúde. “Nas ruas a animação é intensa, um mercado de legumes e frutas de má qualidade se espalha, reduzindo o espaço para os passantes. O cheiro é nauseante. (...) Nesse centro de Londres, numerosas ruelas (...) miseráveis entrecruzam-se (...) lotadas de casas [que] abrigam crianças doentias e mulheres andrajosas e semimortas de fome.”²⁰. Nessas habitações coletivas, as condições de higiene faziam com que várias doenças se propagassem facilmente, comprometendo a saúde não só dos operários, mas do restante da população da cidade. Nesse momento, começaram a surgir relatos de médicos e sanitaristas sobre a situação nesses bairros, o que gerou teorias que tentavam explicar as causas das diferentes moléstias que assolavam essa parte da cidade, além de incluir tentativas de relacionar essas condições físicas com as condições sociais que eram consideradas predominantes nessa população, gerando uma política de tentativa de prevenção das doenças associada com a contenção e repressão dessas populações²¹. A importância desse tipo de literatura é algo que deve ser levado em consideração, já que a sua influência pode ser

¹⁹ BRESCIANI, 2004, p.22-23.

²⁰ BRESCIANI, 2004, p.25.

²¹ BRESCIANI, 2004, p. 29-30.

sentida, por exemplo, quase um século depois no Brasil, quando, utilizando-se em grande parte dela, foram desenvolvidos argumentos muito semelhantes para justificar o processo de urbanização e “limpeza” (em sentido mais amplo) da cidade do Rio de Janeiro²². Nos dois casos, foram tomadas medidas que na maioria das vezes se baseavam mais no preconceito social reinante com aqueles que viviam em condições e lugares considerados menos favorecidos do que necessariamente nas várias descobertas científicas que apareciam nessa época de Revolução Industrial, embora estas se revelassem de suma importância.

2.2 As ciências: desenvolvimento nas diversas áreas

Vários estudos (que não se limitaram apenas à área da saúde) permitiram que a ciência tivesse um avanço bastante significativo nessas décadas do século XIX. Foi uma época de “(...) novos pontos de partida radicais em alguns campos do pensamento (como na matemática), do despertar de ciências até então adormecidas (como a química), da virtual criação de novas ciências (como a geologia), e da injeção de novas ideias revolucionárias em outras ciências (como as ciências sociais e biológicas).”²³. Ou seja, os novos estudos estavam progredindo em diversas áreas do conhecimento científico, ajudando a criar soluções para muitos dos problemas que assolavam a humanidade, desde os mais simples aos que eram, aparentemente, indissolúveis.

Uma das áreas cujos avanços se revelaram muito importantes para o desenvolvimento dessa sociedade foram as *ciências físicas*, em especial a *eletricidade*. “Assim, o mais importante dos novos campos abertos, e o único que teve imediatas consequências tecnológicas, foi o da eletricidade, ou melhor, o do eletromagnetismo.”²⁴. O desenvolvimento desse ramo da ciência foi fundamental, aliás, para se entender grande parte do contexto em que foi escrito o romance *Frankenstein*, pois referências à eletricidade são feitas de forma explícita no livro, tanto no prefácio explicativo da autora quanto dentro da história, como, por exemplo, na ocasião em que o protagonista vê, maravilhado, o efeito de um raio sobre uma árvore:

²² Cf. CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte Imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. Esse assunto será tratado de maneira mais aprofundada no terceiro capítulo.

²³ HOBBSAWN, 2008, p.384.

²⁴ HOBBSAWN, 2008, p. 388.

Antes disso, eu desconhecia as mais óbvias leis da *eletricidade*. Nessa ocasião, estava conosco um homem de grandes conhecimentos de filosofia natural e, estimulado pela catástrofe, começou a explicar uma teoria que ele mesmo elaborara a respeito da eletricidade e do *galvanismo*, que *para mim era ao mesmo tempo nova e espantosa*.²⁵

Além disso, é deixado implícito que para dar vida à sua criatura inanimada (mote de todo o romance e ápice das criações científicas do protagonista), Frankenstein utiliza-se desse processo, aproveitando-se de possíveis efeitos que ele teria sobre o corpo dos animais e que, conseqüentemente, se estenderiam aos seres humanos.

Outra importante ciência física (também citada no livro) é a *química*, que, segundo diz Hobsbawn, "(...) foi a mais íntima e imediatamente ligada à prática industrial (...)"²⁶. Segundo ele afirma, a revolução industrial foi a grande responsável pela criação dessa área do conhecimento, fazendo com que seus procedimentos característicos, até então realizados de maneira empírica, fossem sistematizados e transformados em ciência propriamente dita, com métodos e méritos próprios²⁷. Além disso, "A química teve (...) uma implicação revolucionária: a descoberta de que a vida poderia ser analisada em termos de ciências inorgânicas."²⁸, ou seja, ela permitiu que se começasse a pensar em elementos que até então só eram conhecidos dentro de seres vivos, sintetizados em laboratórios e tubos de ensaio (mesmo que, em um primeiro momento, isso ocorresse de forma limitada), mudando perspectivas no estudo da biologia e da medicina, ligando-as de forma muito próxima.

Nesse período, desenvolveu-se também de uma maneira mais profunda e metódica a observação dessa sociedade, o que permitiu que se pudesse entendê-la através de modos sistemáticos. Assim, as ciências (em especial aquelas chamadas de *sociais*, pois tinham como objeto de estudo o comportamento humano em um determinado conjunto) foram usadas para compreender a sociedade em que se vivia, além de se apresentarem como forma de legitimá-la. Dessa maneira, áreas como a sociologia, a economia, a história, etc., ganharam destaque ao tentar explicar as causas (e as possíveis soluções) para, por exemplo, o problema do excesso de população nas cidades utilizando-se para isso de uma lógica "científica", ou seja, aplicando para as relações sociais o mesmo padrão exato e mecanicista existente nas ciências naturais. Um exemplo disso são as teorias surgidas ainda no final do século XVIII que relacionavam o

²⁵ SHELLEY, 2012, p. 42; grifo nosso.

²⁶ HOBSBAWN, 2008, p.388.

²⁷ HOBSBAWN, 2008, p. 389.

²⁸ HOBSBAWN, 2008, p. 389.

crescimento econômico como algo possível de ser controlado, medido e comprovado pela ciência. Ainda segundo esse raciocínio, a sociedade industrial, além de representar um notável avanço econômico, também era um progresso natural da civilização devidamente guiado por leis científicas. Desse modo, eventuais obstáculos, como o aumento da pobreza e da miséria (apontado por Malthus no seu *Ensaio sobre a população*²⁹) eram apenas entraves temporários que seriam facilmente contornados desde que fossem tomadas as devidas atitudes para isso, como, por exemplo, o combate ao crescimento da população, que seria feito através da limitação da ajuda do Estado, já que tal auxílio significaria, nesse contexto, um desserviço ao curso natural do desenvolvimento, pois, antes de conter a pobreza, acabaria por aumentá-la, já que, com a ajuda recebida, acreditava-se que esses menos favorecidos não teriam mais como principal preocupação trabalhar para ganhar o seu próprio sustento, prejudicando a produção de riquezas e, conseqüentemente, a economia, aumentando as estatísticas de desemprego e pobreza³⁰.

Tal controle, porém, não se estendia à imigração, que era outra forma bastante comum de aumento populacional, mas que, contudo, não estava no centro das preocupações do Estado e de seus estudiosos. A explicação para isso pode residir no que Bresciani chama de “teoria da degeneração urbana”³¹, que consiste em acreditar que o imigrante (principalmente aquele que vinha do campo), nesse período, era mais apto para o serviço fabril do que o trabalhador urbano, que já seria exposto a uma degradação física herdada de seus ascendentes (os quais teriam vivido por tempo suficiente nas condições precárias das cidades e não teriam uma anatomia adequada para gerar descendentes fortes e saudáveis) que o tornaria incapaz de exercer o trabalho urbano. Por causa, em grande parte, das repercussões desse tipo de pensamento, os imigrantes, em especial os oriundos do campo (que ainda seriam fisicamente saudáveis por não terem sido expostos às mazelas das grandes cidades) tinham a preferência na contratação para exercer esses serviços, agravando os problemas do desemprego, da miséria e da superpopulação das cidades³², que não afetavam apenas os trabalhadores urbanos

²⁹ No famoso ensaio publicado em 1798, Thomas Malthus afirmou que a demanda de alimentos crescia em progressão aritmética e, portanto, mais lentamente que a população, que crescia em progressão geométrica. Embora bastante contestada, a sua teoria serviu de base para vários discursos e medidas que tinham por objetivo justificar políticas contra as populações mais pobres. Cf. MALTHUS, Thomas Robert. **Ensaio sobre a população**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

³⁰ BRESCIANI, 2004, p. 40-46.

³¹ BRESCIANI, 2004, p. 28.

³² BRESCIANI, 2004, p. 28-33.

e imigrantes recém-chegados, mas se expandiam por vários setores da população. Mesmo os donos das indústrias sofriam com as condições desses lugares que possuíam grandes concentrações de pessoas, pois isso atingia também as partes mais ricas da cidade, já que muitas vezes elas se encontravam fisicamente perto, fazendo com que as doenças (transmitidas pelo ar, pelo contato direto ou por agentes que circulavam entre os lugares) não respeitassem as barreiras sociais que se colocavam.

Dessa forma, tanto os industriais quanto o Estado começaram a perceber que o custo com o cuidado dessas áreas mais pobres (como saneamento desses ambientes ou políticas de prevenção) era menor que aquele que se tinha com tratamentos para pessoas já contaminadas.³³ Assim, começaram a ser lançadas iniciativas que tinham por objetivo tentar ajudar aqueles que, em uma primeira avaliação, tinham menos condições de combater a miséria e as péssimas condições físicas em que se encontravam. Essa ajuda, porém, consistia basicamente em fornecer o aparato estritamente necessário para a sobrevivência, pelo menor tempo possível:

(...) as Casas de Trabalho (‘Workhouses’) deviam ser lugares pouco atraentes para que seus ocupantes procurassem sair de lá o mais rápido possível. Não deviam se sentir confortados em suas instalações, a vida em família e a boa refeição representavam privilégios, a merecida recompensa aos que ocupam seus dias com o trabalho produtivo. Mesmo a disciplina e a intensidade do trabalho lá dentro, deveriam ser sensivelmente mais rigorosas do que nas fábricas de forma a atuarem como estímulo à busca de emprego³⁴.

Como se vê, esses “centros de caridade” serviam mais como um incentivo para que eventuais desempregados tivessem pressa para encontrar um trabalho, voltando a ser produtivos para a sociedade e parando de depender da bondade dos outros, do que como uma preocupação de ajudar aqueles que precisavam. Porém, mesmo esse tipo de ajuda era contestado por parte da população, que achava tais gastos desnecessários (principalmente os de origem privada) e defendiam o seu fim, pois acreditavam que essas contribuições mais atrapalhavam do que ajudavam esses necessitados, já que poderia impedi-los de procurar com mais afinco por uma ocupação permanente, além de confundir aqueles que precisavam dessa ajuda enquanto não tinham emprego (os “desempregados circunstanciais”, segundo as

³³ BRESCIANI, 2004, p. 29-30.

³⁴ BRESCIANI, 2004, p. 44-45.

palavras de Bresciani³⁵) dos que não queriam arrumar uma ocupação e ficar apenas se servindo da ajuda dos outros (os “desocupados permanentes”³⁶).

A situação desses “desocupados” mostra-se mais claramente nos estudos feitos por grupos de médicos sanitaristas. É baseando-se neles que são idealizadas a maioria das ações voltadas para essas localidades, já que a chamada “literatura médica”, ou seja, os relatos da situação na cidade (em especial em sua parte mais pobre), além da detecção das doenças que assolavam esses lugares junto com seus possíveis tratamentos e as mais variadas teorias sobre como melhorar essa situação, tinham um alcance relativamente grande nessa sociedade. Nos meios intelectuais, esses relatos tinham muita importância, alcançando até mesmo o *status* de “verdade científica” e servindo de base para que medidas fossem tomadas no sentido de tentar melhorar as condições de vida da população. Contudo, outros tipos de arte também ganham destaque nesse momento, facilitando, de muitas maneiras, a aproximação do público com essas (e outras) ideias.

2.3 As artes: ferramenta social em forma de entretenimento

A cultura (principalmente a literatura), aliás, começa a desempenhar um papel cada vez mais importante nesse contexto, ajudando de forma mais efetiva a construir a realidade em que se encontra, seja ao mostrar a agitação da vida nas cidades (algo que horroriza ao mesmo tempo em que fascina), ou então fazendo um resgate da cultura popular, vinda do campo e de tradição oral, cujas adaptações para as formas artísticas (escrita, teatro, música, etc.) se tornam bastante populares, por já serem, em alguma medida, conhecidas por pelo menos uma parte da população.

Dentro da primeira categoria, pode-se destacar o gênero literário conhecido como “ficção científica”, que consiste em mostrar, de forma fantástica (e por vezes catastrófica) as consequências decorrentes de avanços tecnológicos. Ele teria surgido, segundo o russo Isaac Asimov, durante o período da Revolução Industrial, “mais provavelmente na Grã-Bretanha e (...) que seu surgimento haja ocorrido como resposta literária àquele fato.”³⁷. Assim, a ficção científica se revela como uma excelente forma de se explorar as várias possibilidades da

³⁵ BRESCIANI, 2004, p. 45.

³⁶ BRESCIANI, 2004, p. 45.

³⁷ ASIMOV; *apud* MARTINS, 2014, p. 55.

literatura, pois surge em um contexto bastante rico, onde vários avanços se fazem presentes em um espaço de tempo relativamente curto, abrindo um leque de opções para se trabalhar e também se entender a sociedade.

Ainda dentro desse contexto, há o surgimento de um novo segmento que se interessa e, simultaneamente, apresenta condições de consumir essas obras. Essa parte da burguesia (que Hobsbawn chama de “crescentes e novas classes médias”³⁸) que está aparecendo se torna um grande mercado para se atingir, além de ser, em grande parte, de onde surgem os autores dessas produções. Assim, os anseios dessa parte da população, ao menos nesse ramo das artes, possuem alguma representação, uma vez que “(...) os artistas eram diretamente inspirados e envolvidos pelos assuntos públicos (...) e não era (...) menos verdadeiro definir os artistas criativos como ‘não comprometidos’ (...)”³⁹.

Uma das expressões mais importantes desse período foi o *romantismo*, cujos artistas tinham como importante característica contestar o excesso de racionalidade e a concepção mecanicista que predominava, dando preferência, em suas obras, aos sentimentos e as paixões, como faz Jorge Luís Borges ao tentar explicar esse conceito: “(...) o sentimento romântico é um sentimento agudo e patético ao mesmo tempo, algumas horas de deleite amoroso, a ideia de que tudo passa, um sentimento mais profundo dos outonos, dos crepúsculos da tarde, da passagem das nossas próprias vidas.”⁴⁰. Essa descrição dá uma vaga noção de como pode ser entendido o romantismo, já que é muito difícil uma definição mais precisa.

Essa valorização dos sentimentos é algo muito presente em *Frankenstein*, principalmente nos momentos em que são narradas as descobertas da criatura: desde as suas primeiras impressões, quando ainda está distinguindo o mundo à sua volta, ele já revela ter extrema sensibilidade, o que só é exacerbado quando tem os primeiros contatos com a literatura, que o ajuda a entender melhor o funcionamento do mundo e das instituições. “É difícil descrever os efeitos desses livros. Suscitaram em mim uma infinidade de novas imagens e sentimentos, que às vezes me levavam ao êxtase, mas com maior frequência me

³⁸ HOBSBAWN, 2008, p.356.

³⁹ HOBSBAWN, 2008, p. 354-355.

⁴⁰ BORGES, Jorge Luís. **Curso de Literatura Inglesa**. ARIAS, Martín. HADIS, Martín (Org.) São Paulo: Martins Fontes, 2002, p.156.

faziam cair numa profunda depressão.”⁴¹. Um de seus “livros-base” é *Os sofrimentos do jovem Werther*, do alemão Johann Wolfgang Von Goethe, que Borges chama de “romance exemplar do romantismo”⁴², e com o qual a criatura, muitas vezes, identifica parte da situação em que vive: “As maneiras gentis e familiares que descreve, associadas aos sentimentos elevados, que tinham como objeto algo além de si mesmos, combinavam bem com a minha experiência entre os meus protetores e com as carências que estavam sempre vivas em meu peito.”⁴³. Esse tipo de empatia com um herói tipicamente romântico é algo característico e que não pode ser ignorado, além das referências feitas a autores clássicos do romantismo inglês, como Samuel Taylor Coleridge, William Wordsworth ou o próprio Percy Shelley, marido da autora.

Outra característica importante desses artistas românticos é que eles foram, em um primeiro momento, contestadores da sociedade em que viviam, fazendo, em suas obras, tentativas de análise do sistema que começava a se desenvolver: “(...) O elemento demoníaco na acumulação capitalista, a busca ininterrupta e ilimitada de *mais*, além dos cálculos da racionalidade ou do propósito, a necessidade ou os extremos do luxo, tudo isso os encantava [aos artistas românticos] (...).”⁴⁴. Essa sociedade, burguesa, capitalista, industrial, era o alvo principal de suas críticas. Isso se devia, em parte, ao fato de que uma porção significativa de seus artistas se constituía de pessoas que, muitas vezes, se encontravam à margem dessa sociedade (ou seja, não estavam naquelas camadas privilegiadas da população) e viam na arte uma maneira de se manifestar de forma mais contundente contra esse sistema, apontando os seus defeitos. Mesmo quando isso não acontecia, ou seja, mesmo quando os seus artistas tinham uma origem nobre, traziam influências dos pensadores que eram lidos por eles (e que inspiraram também a Revolução Francesa, que era uma espécie de “referencial” quando se tratava de críticas e mudanças substanciais na sociedade), além de uma sensibilidade maior para entender o que estava acontecendo à sua volta e assim poder pensar melhor e questionar, se não o sistema econômico em sua teoria (que como foi citado, valorizava os talentos), pelo menos a grande desigualdade que ele mostrava na prática, onde possíveis habilidades davam lugar a privilégios que eram concedidos baseados em relações consideradas oportunistas e

⁴¹ SHELLEY, 2012, p.125.

⁴² BORGES, 2002, p. 164.

⁴³ SHELLEY, 2012, p.125.

⁴⁴ HOBBSAWN, 2008, p.359; grifo do autor.

muitas vezes obscuras. Porém, mesmo com toda a sua importância, o alcance dessas críticas se encontrava bastante reduzido, já que a maioria da população não tinha contato direto com as expressões artísticas, em especial as escritas, pois grande parte não sabia ler, e isso poderia fazer com que não se interessassem por esse tipo de obra⁴⁵.

O movimento romântico não era, porém, algo feito somente para proveito único do artista (embora muitos deles fossem encarados como “incompreendidos” por essa sociedade, além de ser nessa época que tenha surgido a ideia do “gênio”, cuja inteligência era capaz de “transcender” as coisas “práticas” e, por isso, ele seria “desconectado” da vida cotidiana⁴⁶). O reconhecimento do público era importante e desejado pelos artistas, sem que isso consistisse em pressão para realizar mudanças em suas obras e agradá-lo, já que “(...) nas formas genuinamente populares de arte como (...) (em um nível socialmente mais alto) o romance na Inglaterra, compositores e escritores continuavam a trabalhar para divertir os demais e consideravam a supremacia da bilheteria como uma condição natural de sua arte, e não como uma conspiração contra sua musa. (...)”⁴⁷. Desse modo, o romantismo (apesar da contestação feita ao sistema estabelecido), não era necessariamente uma arte marginal, sendo que muitas vezes essas obras tinham uma aceitação relativamente boa do público a que se dirigia, o que ajudou bastante na sua difusão (não só na época como depois) e posterior uso como uma espécie de “referência” desses tempos, uma realidade que, ainda hoje, é lembrada como sendo “ideal”.

Esse “ideal romântico” tornou-se bastante conhecido quando o romantismo passou de contestador a contestado, dando lugar a manifestações mais “realistas”, onde esse sistema estabelecido era mostrado como “falho” e os personagens que acreditavam nele, como “ingênuos”, passíveis de serem enganados pelos outros que sabiam se aproveitar dessas “falhas” em benefício próprio⁴⁸. Afinal de contas, como diz Borges: “O movimento romântico é, quem sabe, o mais importante registrado pela história da literatura, talvez porque não foi

⁴⁵ HOBBSBAWN, 2008, p. 356.

⁴⁶ Para entender melhor essa questão do gênio, cf. HOBBSBAWN, 2008, p.362, onde ele trata rapidamente disso enquanto fala dos artistas românticos. Norbert Elias também passa por esse assunto quando analisa a vida e a obra de Mozart, em ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. SCHRÖTER, Michael (Org.) Rio de Janeiro: Zahar, 1995.

⁴⁷ HOBBSBAWN, 2008, p.361.

⁴⁸ Um processo semelhante acontece no Brasil, onde, segundo Nicolau Sevcenko as diversas transformações na cidade do Rio de Janeiro fazem com que o romantismo perca espaço para várias novas correntes literárias Cf. SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.122.

apenas um estilo literário, porque não inaugurou apenas um estilo literário, mas um estilo vital.⁴⁹ Pode-se dizer, assim, que o movimento romântico é algo mais amplo que um movimento literário, uma vez que o termo “romântico” passou, com o tempo, a ser associado com a idealização de situações, não apenas na literatura.

Outro ponto que merece destaque nesse contexto é a significativa frequência com que eram escritas e publicadas obras de autoria feminina (mesmo quando isso não era de conhecimento do público). Na classe “média” (burguesa), de onde vinha a esmagadora maioria desses escritores românticos, dar as mulheres uma chance de também expressar as suas ideias e a sua arte parecia algo “respeitável” (como diz Hobsbawn⁵⁰) para se fazer com as moças pertencentes a essa camada da sociedade. Contudo, essa presença feminina no cânone dos autores românticos (de uma forma até então nunca vista na Europa) não significava necessariamente que a mulher era mostrada de maneira considerada positiva dentro das obras. Ao contrário disso, a sua imagem é, muitas vezes, vista como secundária ou mesmo “perigosa”. Tal modo de retratar a figura feminina para um público formado sobretudo por mulheres consistia em uma forma sutil de tentar manter a ordem através do reforço dos estereótipos reservados à elas na época. É dentro desse quadro, então, que surge e se reforça a escrita feminina, que tinha como um dos seus principais objetivos desconstruir, através de uma crítica que muitas vezes não era óbvia, essa imagem negativa que se formava e, de alguma forma, tentar fazer com que as próprias mulheres (e também os homens) percebessem a contradição que existia em relegá-las ao segundo plano a que estavam destinadas na maioria das vezes, principalmente naquela sociedade em que estavam acontecendo tantas modificações e onde em muitas ocasiões se pregava a igualdade.

Durante os séculos XVIII e XIX, as mulheres começaram a se infiltrar de forma mais intensa em diversos campos da sociedade, a maioria deles dominados pelos homens (embora tenham existido, em tempos bem anteriores a esse, várias mulheres que exerceram papéis muito importantes em áreas consideradas masculinas). Foi nessa época, por exemplo (durante e por causa da Reforma Protestante, segundo afirma Michelle Perrot⁵¹), que teve início o hábito de se instruir formalmente as meninas como se fazia com os meninos. Mesmo que tal

⁴⁹ BORGES, 2002, p.155.

⁵⁰ Cf. HOBSBAWN, 2008, p.363, nota F.

⁵¹ PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012. Segundo a autora, “(...) Ao fazer da leitura da Bíblia um ato e uma obrigação de cada indivíduo, homem ou mulher, ela [a Reforma] contribuiu para desenvolver a instrução das meninas. (...)” (*Ibidem*, p.91).

instrução não tivesse um alcance tão grande como poderia (além de ser alvo de inúmeras restrições) somente a possibilidade desse acesso já significava uma maior inclusão feminina, o que “teria consequências de longa duração sobre a condição das mulheres, seu acesso ao trabalho e à profissão, as relações entre os sexos e até sobre as formas de feminismo contemporâneo. (...)”⁵², ou seja, acabou significando, com o passar do tempo, em mulheres instruídas o suficiente para questionar qual seria o seu lugar na sociedade e o que elas (e o restante da sociedade) poderiam fazer para expandir esses horizontes e tentar melhorar a sua condição, influenciando diretamente em outras atitudes tomadas nesse sentido.

Um dos campos mais importantes em que essa maior participação pode ser vista é a literatura, onde as mulheres começaram sutilmente, tendo aumentado aos poucos sua inclusão: “(...) São cada vez mais numerosas aquelas que tentam ganhar a vida pela pena. Escrevem nos jornais, nas revistas femininas. Publicam obras de educação, tratados de boas maneiras, biografias de ‘mulheres ilustres’ (...) e romances. É através do romance que as mulheres ingressam na literatura”⁵³. Nessa área, elas poderiam trabalhar com as possibilidades inerentes a ela, e possuiriam voz ativa para poder dar vazão aos sentimentos, vontades e necessidades que se faziam presentes mas não eram consideradas e, dessa maneira, almejar um lugar de igualdade dentro desse espaço (e, por consequência, em outros lugares também), mesmo enfrentando muitas dificuldades⁵⁴.

Em suma, pode-se afirmar que foi um tempo de profundas mudanças nos vários campos da vida das pessoas. A sociedade, as ciências e as artes estavam em um processo de transformação que se revelaria irreversível. Tais ações, com todo o ineditismo inserido nelas, trouxeram novos padrões de comportamentos e abriram os horizontes para discussões que tiveram o seu início nessa época como, por exemplo, as novas possibilidades de vida e de trabalho oferecidas nas cidades, qual o papel que as artes desempenhariam nesse contexto, e as possíveis consequências que o avanço aparentemente sem limites da ciência poderia causar não só na sociedade como na vida das pessoas.

⁵² PERROT, 2012, p.91.

⁵³ PERROT, 2012, p. 97.

⁵⁴ Para mais detalhes sobre tais dificuldades, cf. PERROT, 2012, p. 97-100.

3 *FRANKENSTEIN*, DE MARY SHELLEY: A OBRA EM SUAS DIFERENTES FACETAS

3.1 Visão geral

Frankenstein ou o Prometeu Moderno foi publicado pela primeira vez em 1818. Sua ideia começou a ser desenvolvida, contudo, dois anos antes quando sua autora, a inglesa Mary Shelley, passava a maior parte de seu tempo no frio ano de 1816 na companhia de seu marido (o poeta Percy Shelley), e de seus amigos, o médico John Polidori e o poeta Lorde Byron, a quem pertencia a propriedade onde ficavam. Por causa principalmente do clima (que não permitia muitos passeios externos), eles passavam a maior parte do tempo se dedicando, entre outras coisas, à leitura de obras góticas (que, muitas vezes, tinham o terror como elemento principal em suas narrativas) e, um dia, o anfitrião sugeriu que cada um escrevesse uma história que fosse de terror, inspirados por aquelas leituras⁵⁵.

Com o passar dos dias, cada um foi desenvolvendo a sua história. A do marido de Mary, que, como ela própria afirma, era “mais apto a dar corpo às ideias e aos sentimentos no esplendor de imagens brilhantes e na música do mais melodioso verso que adorna a nossa língua do que a inventar as maquinações de uma história”⁵⁶, ficou sem um desfecho; a de Lorde Byron, não passou de um rascunho cujo final ele utilizou no seu poema *Mazeppa*; Polidori (baseado em um dos fragmentos de Byron) também esboçou um conto⁵⁷ mas não conseguiu terminá-lo adequadamente e, cansando-se, logo também abandonou a tarefa.

⁵⁵ Esses e outros detalhes sobre a criação da obra são dados pela própria Mary Shelley no prefácio escrito por ela para ser acrescentado na edição de 1831, a mais famosa da obra e que apresenta algumas alterações da original.

⁵⁶ SHELLEY, 2012, p.11.

⁵⁷ Em 1819, livremente baseado nesse esboço, John Polidori publica o seu conto de maior repercussão, “O Vampiro”, que é considerada uma das primeiras histórias modernas envolvendo o mítico personagem e seus hábitos e se torna uma das inspirações de Bram Stoker para escrever o seu célebre *Drácula*. Para mais informações, cf. RODRIGUES, F. F. X. O cientista e a religião: refletindo sobre ciência a partir da obra literária “Frankenstein”, de Mary Shelley. *Correlatio*, 2010, 6.11: 66-74, nota 4.

Mary, no entanto, não conseguia pensar em uma história “rival das que nos instigaram àquela tarefa”⁵⁸, apesar de ser questionada com frequência, principalmente por seu marido, que a incentivava a escrever “não tanto com a ideia de que eu pudesse produzir algo digno de nota, mas para que ele pudesse avaliar quão promissor era o meu talento”⁵⁹. Afinal, ele “estava desde o começo muito ansioso para que eu me provasse digna de meus pais⁶⁰ e inscrevesse meu nome nas páginas da fama”⁶¹.

Esses questionamentos faziam com que Mary quisesse escrever uma história que cumprisse de forma competente a sua função de assustar, fazendo jus àquelas que eles estavam lendo, mas que, ao contrário das de seus companheiros, tivesse elementos o suficiente para que pudesse ser devidamente desenvolvida e terminada.

Contudo, ela continua sem inspiração para a história até presenciar certa conversa entre seu marido e Lorde Byron (apenas como espectadora sem participação ativa, como ela declara ser comum), onde eles discutiam “diversas doutrinas filosóficas e, entre outras coisas, a natureza do princípio da vida e se haveria alguma possibilidade de que ele fosse descoberto e comunicado.”⁶². Durante a discussão, foram citadas as experiências atribuídas ao médico Erasmus Darwin⁶³ (avô de Charles Darwin, célebre biólogo e autor de *A Origem das Espécies*) e também processos como o galvanismo⁶⁴. Provavelmente impressionada com o que foi dito, naquela noite Mary tem a inspiração necessária para criar a sua história:

Vi – com os olhos fechados, mas com nítida visão mental – o pálido estudante de artes sacrílegas ajoelhado diante da coisa que fabricara. Vi a medonha imagem de um homem estendido que, em seguida, por efeito de um motor potente, dá sinais de

⁵⁸ SHELLEY, 2012, p.12.

⁵⁹ SHELLEY, 2012, p.10.

⁶⁰ Mary Shelley é filha de Mary Wollstonecraft, uma importante feminista da época, autora de *Uma defesa dos direitos da mulher*, em que defendia (entre outras coisas) a igualdade jurídica entre homens e mulheres, sendo uma das primeiras a fazê-lo; e do filósofo político William Godwin, que critica em suas principais obras o governo e as instituições inglesas.

⁶¹ SHELLEY, 2012, p.10.

⁶² SHELLEY, 2012, p.12.

⁶³ Segundo a autora, dizia-se que o médico “preservou um pedaço de macarrão no vidro, até que, por algum recurso extraordinário, ele começou a se mover voluntariamente” (SHELLEY, 2012, p. 13)

⁶⁴ Processo desenvolvido por Luigi Galvani, que fez experimentos em que rãs mortas contraíam os músculos através de correntes elétricas e desenvolveu uma teoria de que os seres vivos possuíam uma espécie de “eletricidade animal”.

⁶⁴ SHELLEY, 2012, p.12.

vida e se mexe com agitação, de maneira só em parte vital. Aquilo era assustador; pois supremamente assustador seria o efeito de qualquer tentativa humana de simular o estupendo mecanismo do Criador do mundo. Seu bom êxito aterraria o artista; ele fugiria correndo de seu odioso artefato, horrorizado. Teria esperanças de que, entregue a si mesma, a leve centelha de vida que comunicara se extinguiria; (...).⁶⁵

Após essa “visão” tão nítida, começa a surgir o esboço da história de terror com um argumento desenvolvido a partir desse pesadelo. Primeiramente, seria algo mais curto, apenas um conto. Porém, com o tempo, ela vai se desenvolvendo até se transformar no romance publicado em 1818. Sem indicação de autoria, contava apenas com um prefácio escrito pelo marido de Mary, o que fez com que se especulasse que poderia ser ele o autor da obra. No entanto, a sua segunda publicação, feita em 1823, já apresentava os devidos créditos de autoria. Finalmente, em 1831, foi lançada a edição mais conhecida, com um prefácio da própria Mary explicando a origem da história, além de alterações sutis na mesma⁶⁶.

3.2 O lado moral: a (falta de) ética em Frankenstein

Questionamentos referentes às relações entre a ciência (ligada à parte mais racional do homem), e a ética (mais conectada à sua “alma”, seu emocional) são pertinentes ao longo da leitura de todo o livro, que começa com Victor Frankenstein sendo resgatado por um navio que tinha como destino o Polo Norte. Após fazer amizade com o capitão do navio, Robert Walton, Frankenstein começa a narrar a sua história, que é mostrada ao público a partir de cartas que o capitão envia à sua irmã. Segundo Rodrigues, o “objetivo dessa estrutura epistolar é manter a estratégia da literatura gótica [na qual o romance é inspirado]⁶⁷ de propor que o que está sendo lido aconteceu de fato.”⁶⁸. É narrada, então, retroativamente, a história da família de Victor (filho de um funcionário público bem sucedido nascido na Suíça), bem como a sua infância, onde ele já mostra inclinação para “aprender (...) os segredos do céu e da terra”⁶⁹; ou seja, desde pequeno ele já direciona sua área de interesse “científico” (conceito

⁶⁵ SHELLEY, 2012, p.13; é baseada nessa cena que Mary escreve as primeiras linhas de seu romance que, contudo, é o trecho de abertura somente do capítulo 5.

⁶⁶ A história usada como base da análise será a tradução da edição mais conhecida, de 1831.

⁶⁷ Para entender melhor as semelhanças entre a literatura gótica predominante no século XVIII e a obra de Mary Shelley, cf. La ROCQUE, L. de. e TEIXEIRA, L.A. *Frankenstein*, de Mary Shelley e *Drácula*, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. In: **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, vol. 8, n.1: p. 10-34, mar.-jun. 2001, p. 13-14.

⁶⁸ RODRIGUES, 2010, p.68.

⁶⁹ SHELLEY, 2012, p.39.

esse que estava se delineando tanto no personagem como na obra) para os ramos do conhecimento que se referiam à criação do mundo e da vida. Nesse contexto, começa a estudar a “filosofia natural” através da obra de alquimistas, e acredita firmemente nesses livros, ignorando que aquelas teorias já eram, naquele tempo, consideradas ultrapassadas.

Nesse ponto, pode-se destacar o que La Rocque e Teixeira dizem ser “uma dicotomia entre uma ciência tida como boa e uma ciência considerada má”.⁷⁰ De acordo com eles, a “boa ciência” seria aquela que daria ao homem maior conhecimento sobre si e sobre os sistemas ao seu redor ao explicar os fenômenos naturais e ajudaria a melhorar a qualidade de vida do homem e do mundo que o cercava. As ciências tidas como “puras”, “exatas” (como, por exemplo, a matemática) seriam as representantes desse tipo de conhecimento, que teria o poder de salvar o homem. Uma prova disso pode ser vista em determinado ponto da história onde Victor, ao saber como eram defasadas as teorias que estudava, deixou-as de lado e passou a dedicar-se “à matemática e aos ramos de estudo que pertencem a essa ciência, por estarem assentados sobre fundamentos seguros (...)”⁷¹. Analisando essa atitude, ele a encara como “o último esforço feito pelo espírito de preservação para deter a tempestade que já então estava pendente (...) e pronta para me envolver.”⁷² Desse modo, a mudança de interesse para uma área mais exata do conhecimento seria a “salvação” do protagonista, pois os tais “fundamentos seguros” dessas ciências não permitiriam que elas fossem deturpadas e usadas com propósitos subversivos, uma vez que, conforme o pensamento da época, seus princípios e descobertas serviriam para a melhoria da humanidade, não sendo usadas na sua destruição⁷³.

Por outro lado, a “má ciência” seria aquela que se aventuraria por terrenos “menos seguros”, não possuindo uma reflexão acerca de seus métodos e desafiando diretamente os princípios religiosos. Ela seria utilizada pelo homem para que ele tomasse o lugar de Deus, se tornando o dono da vida, da morte e da natureza ao redor, não respeitando quaisquer limites impostos pela ética ou pelo bom senso. Dessa maneira, as consequências de se aprofundar nesse tipo de estudo seriam desastrosas, pois lida-se com áreas cujo domínio não seria permitido ao homem, como a criação da vida. Além disso, essa busca não seria condizente com o objetivo “original” da ciência, indo contra o seu real propósito, já que teria como alvo

⁷⁰ La ROCQUE; TEIXEIRA, 2001, p.15.

⁷¹ SHELLEY, 2012, p.43.

⁷² SHELLEY, 2012, p.43.

⁷³ La ROCQUE; TEIXEIRA, 2001, p. 15-16.

um conhecimento que não seria focado no bem da humanidade, mas somente na glória e satisfação pessoais e no poder trazido por ele⁷⁴.

É esse tipo de pensamento que seduz e corrompe Victor que, dominado por ele, se entrega a essa categoria de ciência sem pensar nas consequências de seus atos. Subvertendo as razões de se dedicar a esses estudos (a necessidade de poder e glória pessoal deram lugar ao objetivo primário de ajudar à humanidade), ele faz uma descoberta (a origem da vida) e começa um trabalho ininterrupto para desenvolvê-la, abrindo mão de coisas que costumavam ser importantes para ele (como a visão e o contato constante com a natureza que tanto admirava na infância, a companhia da família e dos amigos ou as conversas com os seus professores de faculdade, que lhe apresentaram as bases para que pudesse fundamentar os seus estudos). Dessa maneira, ele se isola cada vez mais e vai cada vez mais fundo (tanto no sentido de aperfeiçoar a sua descoberta como na degradação moral e física que tal trabalho consequentemente traria) no alcance dos seus objetivos, se aproximando da conclusão de sua criação. Contudo, depois de pronta, os seus sentimentos a respeito dela se invertem e, ao invés de ficar alegre com o término e o sucesso de seu trabalho, Victor sente aversão pelo que fez e o renega:

Os diversos acidentes da vida não são tão mutáveis como os sentimentos da natureza humana. Eu me empenhara duramente quase dois anos, com o único propósito de infundir vida num corpo inanimado. Para tanto, eu me privara de descanso e de saúde. Desejara aquilo com um ardor que ia muito além da moderação; mas, agora que acabara, a beleza do sonho desvaneceu-se e um horror e uma repugnância febris encheram meu coração. Incapaz de suportar o aspecto do ser que criara, saí correndo da sala (...).⁷⁵

Essa rejeição do protagonista pela sua criatura (a ponto de ficar doente durante meses apenas por lembrar-se dela) é a primeira das aflições que estavam reservadas não só a ele (que começa então a sofrer primeiramente com as recordações do que agora considera uma transgressão e, depois, com os desdobramentos dela) como também ao próprio ser criado, que sequer chega a ser nomeado. Se o próprio Frankenstein, com todo o esforço que dedicou à sua invenção, ao deparar-se com a realidade, fica horrorizado diante do aspecto demoníaco de sua criatura quando esta adquire vida, é possível e até fácil imaginar quais seriam, então, as reações das outras pessoas. De fato, a criatura, ainda que ao longo da narrativa demonstre

⁷⁴ A “má ciência”, nesse caso, seria representada por estudos relacionados à práticas ocultas e ligadas a um aspecto mais “biológico” do conhecimento científico que, dessa maneira, desafiaria preceitos religiosos e subverteria a natureza da criação.

⁷⁵ SHELLEY, 2012, p.58.

sentimentos e emoções como os dos seres humanos “normais” (sendo capaz de ações impensadas até mesmo para alguns homens, como ajudar secretamente uma família de desconhecidos), sofre com o medo e a aversão das pessoas que a encontram e veem (obviamente) apenas o aspecto físico, descrito como assustador demais para que haja outro tipo de interação⁷⁶. Suas experiências lhe provocam, então, variadas sensações, como a incompreensão, a dor, a solidão e a revolta, que dominam as suas ações e fazem com que ele se transforme, internamente, no monstro que todos imaginavam ao vê-lo externamente, cometendo crimes que pudessem vingá-lo e causando sofrimento aqueles que o rejeitaram, inclusive (e principalmente) ao seu criador.

Desse modo, é possível perceber o quanto o romance vai além do simples maniqueísmo, ou seja, ele não separa os personagens apenas em bons ou maus. A princípio, o herói parece ser o cientista, que seria um homem de sentimentos nobres, interessado em ajudar a humanidade (afinal, escolheu a carreira científica), mas que acabou vítima de sua própria criação, que se apresentaria como o monstro a ser vencido. Porém, ao longo da narrativa, Victor se mostra megalomaniaco (ao revelar objetivos pouco nobres, como o de ser criador de uma nova espécie, tentando ocupar um lugar indevido dentro da natureza) e egocêntrico (quando coloca seus próprios interesses acima do bem estar de sua família e de seus amigos, causando-lhes a morte) embora isso não o impeça de sofrer a perda de seus entes queridos e do mundo que era acostumado a viver, se arrependendo de seus atos de tal maneira a ponto de não se importar mais consigo mesmo ou com sua vida, com o único propósito de destruir o ser que criou. Por outro lado, a criatura parece, em várias ocasiões (a despeito de todos os crimes e atos execráveis que comete), ser a maior vítima de toda a história: criada sem par no mundo, abandonada sem consciência da própria situação ou da realidade que a cercava e rejeitada por todos que a encontravam sem que tivesse a chance de se fazer conhecer melhor, foi desenvolvendo uma revolta que culminou na supressão de seus bons sentimentos em detrimento de um desejo de vingança que o fazia cometer atos terríveis e que, por fim, inviabilizaram a sua convivência até consigo mesmo.

Assim, essa “crítica a uma ciência sem limitações éticas”⁷⁷ pode ser vista nas atitudes (e nos destinos) dos personagens. Como Victor diz ao final do romance:

⁷⁶ A única pessoa com quem a criatura consegue manter um diálogo, além do próprio Victor e do capitão Walton, para quem a história é narrada, é De Lacey, um camponês cego a quem ele tenta pedir ajuda, mas é impedido pela chegada do filho deste, que o afugenta e em seguida foge assustado com a sua aparência.

⁷⁷ La ROCQUE; TEIXEIRA, 2001, p.20.

“(...) Num ímpeto de entusiástica loucura, criei um ser racional e tinha a obrigação de lhe garantir (...) a felicidade e o bem-estar. (...) Meus deveres com os seres de minha própria espécie tinham [porém] maiores direitos à minha atenção, pois representavam maior proporção de felicidade ou desgraça. Ele demonstrou maldade e egoísmo sem iguais; (...) não sei onde sua sede de vingança vai parar. Sendo ele próprio desgraçado, para que não possa tornar miseráveis os outros, deve morrer. (...)”⁷⁸.

Praticamente em seu leito de morte, Victor finalmente percebe o mal que causou não só as pessoas que estimava, mas também ao próprio ser que criou, reconhecendo que deveria ter se preocupado mais com a sua formação moral e intelectual, embora ainda considere acertada a decisão de negar a companheira que lhe foi pedida, já que duas criaturas como essas poderiam ter consequências ainda mais desastrosas tanto para o cientista quanto para o mundo.

Dessa forma, a única maneira possível de terminar definitivamente com tudo isso é através da morte de ambos, uma “punição” (na verdade, parece mais um alívio após tanto sofrimento) justa para o cientista que desejava ter o seu nome eternizado ao ser reconhecido e adorado como o criador de uma nova espécie, mas acabou perdendo o controle da sua própria criação e, como consequência disso, viu a sua vida tomar um rumo tão trágico e irreversível que não lhe restou alternativa a não ser usar o restante de suas forças para ir ao encaço de seu agora inimigo com o único objetivo de destruí-lo, relegando Victor a uma semi-existência, incógnita e penosa, e por fim exaurindo as suas forças; por outro lado, a morte voluntária da criatura (que fica implícita ao final do livro) também se revela apropriada, dado o seu profundo arrependimento pelos crimes que cometeu e também pela impossibilidade de uma forma convencional de julgamento e punição por eles.

3.3 O lado racional: ciência ou alquimia?

Durante a narração dos acontecimentos, Victor não entra em detalhes a respeito dos passos necessários para a criação do monstro, apesar da insistência do capitão Walton; apenas são citadas, no seu processo de trabalho, considerações sobre a descoberta da “geração da vida” e de como “dar animação à matéria inanimada”⁷⁹. Segundo Renato Figueiredo defende em sua tese⁸⁰, esse conceito de um “princípio gerador da vida”, de algo externo que pudesse

⁷⁸ SHELLEY, 2012, p.207.

⁷⁹ SHELLEY, 2012, p.53.

⁸⁰ FIGUEIREDO, Renato Pereira de. **Frankenstein, o prometeu moderno: ciência, literatura e educação**. 2009. 137 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

dar início à existência viva de animais (e seres humanos) era um assunto que vinha sendo estudado desde o final do século XVIII, quando experimentos envolvendo principalmente a eletricidade foram realizados por vários estudiosos da época com o objetivo de animar corpos sem vida. O aparente sucesso então causado pelos resultados (os músculos dos animais se contraíam devido às descargas elétricas, dando a impressão de estarem vivos⁸¹) resultou no começo de uma busca por esse princípio, essa “fáísca” que seria capaz de iniciar à vida, fazendo com que diversos autores⁸², ao longo dos anos, discutissem até que ponto esses estudos teriam influenciado Mary Shelley na escrita de sua obra, ou seja, quais as partes que, na criação do monstro de Frankenstein, seriam consideradas “científicas” (em outras palavras, quais os pontos desse processo em que poderiam ter sido utilizados procedimentos vigentes na época oriundos de estudos feitos por “especialistas” no assunto, cientistas propriamente ditos) e o que faria parte do território do “sobrenatural”, da “feitiçaria” (algo que, nesse caso, seria colocado na parte da alquimia que, mesmo já sendo mostrada no romance como ultrapassada, ainda era considerada, pelo menos lá, como importante para a construção do conhecimento da ciência de então⁸³).

Os estudos sobre quais seriam as causas dessa “origem da vida” e que tipo de explicações existiriam para os mistérios que cercavam o início e o fim da existência do ser humano (como, por exemplo, a existência de uma “alma” que se encontraria além da compreensão racional e até que ponto o homem poderia se aproximar dela através da ciência) foram responsáveis por uma intensa movimentação no ambiente intelectual da época, na medida em que os estudiosos estavam se desvencilhando das explicações místicas sobre a origem do mundo e desvendando, aos poucos, as leis que regiam o Universo. Isso vai se chocar, em parte, com a filosofia iluminista que predominou no século XVIII, onde essa questão começou a se destacar. Nas palavras de Paul Tillich: “a razão no século dezoito era uma razão revolucionária. Não estava interessada em descrever o que é meramente pelo que é, mas pelo que proporciona de materiais para a reconstrução da sociedade em conformidade ao

⁸¹ FIGUEIREDO, 2009, p.24.

⁸² Entre os autores citados na tese encontram-se Samuel Holmes Vasbinder (1984), Crosbie Smith (1994), Radu Florescu (1998), Ana Cláudia Giassone, (1999), entre outros.

⁸³ Como diz o Sr. Waldman, um dos professores de Victor, em certo ponto do romance: “(...) ‘[Os alquimistas] Deixaram-nos, como uma tarefa mais fácil, dar novos nomes aos fatos e arrumá-los em classificações correspondentes, fatos estes que em boa medida eles mesmos haviam revelado. Os trabalhos dos homens de gênio, por mais erradamente orientados que fossem, raramente deixam de, em última análise, contribuir para o sólido proveito da humanidade.’ (...)” (SHELLEY, 2012, p.49)

que é natural e racional.⁸⁴ Ou seja, durante esse século a razão era entendida como algo de caráter mais filosófico, abstrato; os estudos que se desenvolveram no século seguinte, porém, mudaram essa forma de entendê-la, fazendo com que ela passasse a ser vista de forma mais concreta (e, portanto, mais próxima da maneira como a compreendemos atualmente) se apresentando, nas palavras do mesmo autor, como uma “razão técnica”⁸⁵. Como explicam La Rocque e Teixeira, é nesse momento que “(...) uma nova ciência, baseada no método indutivo, era elevada ao vértice da fama, após ter desbancado com suas novas verdades os antigos sistemas filosóficos e unificado vários campos do conhecimento sobre o mundo natural, sob a égide de um mesmo método. (...)”⁸⁶

Essa “nova ciência” gera uma espécie de “fascínio”⁸⁷ entre os pensadores da época (não somente os cientistas como também os intelectuais de maneira mais abrangente) que passam, então, a considerar o método racional como referência para entender o funcionamento não só do mundo físico, como também da sociedade; desse modo, as relações entre as pessoas e delas com as instituições seriam regidas do mesmo modo mecânico que as leis da física regiam a natureza. Tal feito poderia ser conseguido através da aplicação, na vida em conjunto, desses conhecimentos científicos que estavam ajudando o homem a entender melhor o meio em que viviam, já que esses também seriam capazes de guiá-los nessa tarefa para melhorar o convívio uns com os outros, tornando os problemas do meio social tão possíveis de resolver quanto os do meio físico, desde que tais saberes fossem usados de forma correta, ou seja, respeitando-se as regras que os norteavam.

Na “outra ponta” desse contexto mecanicista (embora ainda ligado a ele) estavam os estudos relativos ao homem e ao modo de funcionamento do corpo humano. Com os conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, era feito um paralelo entre o trabalho do organismo humano e o das máquinas nas indústrias que começavam a despontar, ambos compostos de diversas engrenagens que precisavam umas das outras para ter o melhor aproveitamento possível, mas que com o tempo tenderiam ao desgaste e, por fim, parariam de vez. Algumas dessas comparações, contudo, avançavam ainda mais: “(...) no livro *Homme-machine*, o francês Julien Offray de La Mettrie (...) já havia comparado o homem não apenas

⁸⁴ TILLICH; *apud* RODRIGUES, 2010, p.67.

⁸⁵ RODRIGUES, 2010, p.67.

⁸⁶ La ROCQUE; TEIXEIRA, 2001, p.15.

⁸⁷ La ROCQUE; TEIXEIRA, 2001, p.15.

a uma máquina (...), mas a um animal desprovido de qualquer substância espiritual (...).”⁸⁸. Ou seja, além de operar de forma parecida com as máquinas, o homem, assim como os animais, também não possuiria um princípio espiritual, algo que distinguisse o seu modo de trabalho interno do das máquinas; todos eles obedeciam às mesmas bases de funcionamento, passavam pelas mesmas fases e possuíam problemas que (nas devidas proporções) se resolviam de modo parecido. Desse modo, surgiu o questionamento: se o homem não apresenta nenhum princípio que o torne significativamente diferente dos animais, nenhum “sopro divino” ou de cunho sobrenatural, só algo puramente científico, seria possível então, de alguma maneira, trazer de volta à vida corpos que aparentemente já estariam mortos?

É nesse momento que surge, segundo Ana Cláudia Giassone⁸⁹ uma espécie de “histeria coletiva”⁹⁰ que passa a predominar no ambiente da época, principalmente aquele que envolvia os intelectuais, pois mesmo entre os mais ricos e letrados existia um certo temor de ser dado como morto antes do tempo e, conseqüentemente, de ser enterrado vivo. Segundo a autora:

(...) a discussão a respeito da “morte prematura” e o temor de ser enterrado vivo alcançaram proporções importantes no decorrer do século XIX. As notícias de casos deste tipo multiplicavam-se e ganhavam relevo por meio da imprensa, confundindo as autoridades médicas (...): assim, tanto figuras eminentes da aristocracia quanto poetas, cientistas, industriais e políticos, entre outros, levavam constantemente consigo notas que diziam o que fazer com o seu corpo no caso de morte (...)⁹¹

Nesse contexto, aprofundaram-se os estudos sobre onde estaria, afinal, esse começo, essa base que torna o homem diferente dos demais seres e poderia fazer com que ele vivesse por muito mais tempo, ou seja, sobre qual seria, afinal, a origem da vida. Junto a tudo isso, as experiências envolvendo a eletricidade, que conseguiam, aparentemente, animar animais mortos por alguns segundos, ganharam certa notoriedade e a partir disso começou a se propagar o pensamento de que seria possível fazer a mesma coisa com seres humanos usando esses estudos como chave para a compreensão dos mistérios sobre a morte e para se desvendar o segredo da vida eterna; ela seria vista, então, como um meio, uma base sobre a qual poderiam ser construídos, com o devido avanço dos estudos na área, elementos

⁸⁸ FIGUEIREDO, 2009, p.26.

⁸⁹ GIASSONE, Ana Cláudia. **O mosaico de Frankenstein: o medo no romance de Mary Shelley**. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1999. Todos os trechos citados desse livro encontram-se em FIGUEIREDO, 2009.

⁹⁰ GIASSONE, 1999, p.47; *apud* FIGUEIREDO, 2009, p. 27.

⁹¹ GIASSONE, *Op. cit.*, p.47; *apud* FIGUEIREDO, 2009, p.27.

importantes para a vida do ser humano, culminando em uma nova forma de se viver a vida, de forma melhor e mais duradoura.

Por outro lado, encontrava-se a alquimia, que nesse ponto era vista como uma “quase-ciência”⁹², um conhecimento que deveria ser considerado apenas em parte, uma base que, mesmo usada para se chegar às descobertas de caráter entendido como verdadeiramente científico, não era de todo válida, por ainda se calcar em ramos tidos como mais obscuros, distantes do que era considerado “ciência” propriamente dita, com explicações ligadas ao território do “místico” para certos eventos e ambições que, com o passar do tempo se revelaram sem fundamento ou mesmo impossíveis. Como diz Figueiredo, “a alquimia (...) era a forma que alguns homens do século dezoito ainda tinham para lidar com o desconhecido”,⁹³ uma espécie de “precursora” da ciência que, como ela, tentava explicar a realidade, mas que para isso juntava (de uma forma que poderia parecer impensada hoje, mas era bem coerente para a época), coisas de caráter mais “técnico”, “científico”, com outras que seriam posteriormente consideradas como “superstição”, “fantasia”, “feitiçaria”.

Misturando-se esses dois aspectos (o da ciência propriamente dita com a “magia” dos alquimistas) em um ambiente onde a razão e a cientificidade ganham cada vez mais espaço, que Mary Shelley encontra o contexto certo para desenvolver a sua criatura, um cientista que enlouquece ao tentar aplicar essa racionalidade em um território considerado por muitos como fora de alcance, a criação da vida.

A partir da crítica a essa “razão técnica” que surgia e parecia possuir, ao mesmo tempo, um potencial para fazer maravilhas pela humanidade, e também a capacidade de destruí-la (se utilizada de forma incorreta), é que *Frankenstein* consegue ser pensado e concebido. Após o seu lançamento, muito se questionou a respeito de qual seria, na verdade, a origem da criatura retratada no romance, ou seja, se ela era “possível” em termos da ciência pura (como era vista no século XIX), ou apenas fruto do conhecimento oriundo dos alquimistas do século XVIII⁹⁴. As alusões feitas à eletricidade e ao processo de galvanismo como a chave do segredo para a criação do monstro, aliado ao fato de Victor ter ido estudar

⁹² FIGUEIREDO, 2009, p.32.

⁹³ FIGUEIREDO, 2009, p.34.

⁹⁴ FIGUEIREDO, 2009, p.25.

em uma Universidade⁹⁵ (que era considerado o “templo” do “verdadeiro conhecimento”, onde as maravilhas que poderiam ser proporcionadas pela ciência começariam) e ter, por isso, abandonado os seus antigos autores, utilizadores da “razão revolucionária” e nos quais ele se baseava para entender o mundo, podem induzir o pensamento de que sua criatura é filha da (má) ciência. Contudo, durante o processo de criação da sua obra, Victor utiliza-se de métodos que eram mais identificados com ocultistas e feiticeiros do que com cientistas, como a violação de túmulos, o que faz, na visão de alguns⁹⁶, com que sua criatura seja fruto de rituais de feitiçaria baseados nos antigos saberes que, embora Victor tenha abandonado em detrimento de algo mais concreto, ainda eram fundamentais na sua formação e não seriam facilmente esquecidos.

Seja como for, esses são apenas alguns dos muitos questionamentos que tem sido feitos sobre esta obra. A crítica a modernidade e a determinados aspectos da ciência são facetas interessantes para serem discutidas e sua importância na criação do gênero literário conhecido como “ficção científica”⁹⁷ constitui apenas parte da influência que essa obra apresenta ao longo do tempo e pelos vários lugares onde é lida, inclusive no Brasil.

⁹⁵ Victor parte para estudar na Universidade de Ingolstadt, na Alemanha, segundo ele, porque “meu pai julgou necessário, para completar a minha educação, que eu conhecesse outros costumes além dos do país natal” (SHELLEY, 2012, p.44).

⁹⁶ FIGUEIREDO, 2009, p.28.

⁹⁷ Como dizem de La Rocque e Teixeira: “*Frankenstein*, da inglesa Mary Shelley, é considerada a primeira obra de ficção científica, gênero literário que se volta para o mundo da ciência, incluindo aí sua organização e produção, ideais de conhecimento e avanços técnicos”. Cf. La ROCQUE; TEIXEIRA, 2001, p. 13; grifo nosso.

4 O BRASIL NO PROCESSO DE URBANIZAÇÃO: UMA ANÁLISE DE A NOVA CALIFÓRNIA, DE LIMA BARRETO

4.1 O Brasil no começo do século XX: problemas e soluções

Na virada do século XIX para o XX, as várias revoluções que se iniciaram pela Europa por volta de cem anos antes iam, aos poucos, encontrando soluções e arrefecendo os ânimos e estabilizando a situação no Velho Continente. Ao mesmo tempo, a parte norte da América (em especial os Estados Unidos), libertada da condição de colônia um século antes dos países do sul, também se encontrava em um ambiente tranquilo o suficiente para começar um trabalho de expansão. Assim, as várias ideias predominantes no pensamento desses lugares começaram a florescer cada vez mais fortemente nas outras partes do mundo, em especial na parte sul da América, que havia deixado de ser colonial há menos de um século e cujos países recém-independentes ainda tentavam firmar uma “identidade nacional” que, de alguma forma, as tornassem diferentes das antigas Metrópoles sem, contudo, se afastar completamente dos padrões europeus, pois somente assim era pensada a possibilidade de se manterem inseridas no “mundo civilizado”.

No Brasil, por exemplo, foi possível verificar essa mudança de forma especial na cidade do Rio de Janeiro, capital do país e, por isso, considerada a parte mais importante dele, já que era o centro tanto político quanto econômico e por onde entrava com maior facilidade essas influências vindas de fora, devido ao comércio existente com a Europa e os Estados Unidos, algo que se intensificou após o novo regime, como diz Nicolau Sevcenko: “A nova filosofia financeira nascida com a República reclamava a modelação dos hábitos sociais e dos cuidados pessoais. Era preciso ajustar a ampliação local dos recursos pecuniários com a expansão geral do comércio europeu, sintonizando o tradicional descompasso entre essas sociedades (...)”.⁹⁸ Depois disso, logo o discurso oficial adotado por aqueles que predominavam na cena política e econômica da época passou a incorporar essas novas ideias, fazendo com que fossem associadas a realidade brasileira. Esse ideal de progresso torna-se, então, o centro das atenções da nova burguesia e atitudes importantes são tomadas no sentido de transformar a cidade na imagem que se tinha da Europa, algo que muitas vezes era feito até

⁹⁸ SEVCENKO, 2003, p.40.

mesmo à revelia da população, que precisou se acostumar com a campanha maciça feita para tentar “limpar” as ruas, em todos os sentidos possíveis; desde a sua higienização, retirando o lixo e detritos (que eram encontrados de forma frequente no meio da cidade), passando pela demolição de construções velhas,⁹⁹ que não estavam de acordo com o “novo padrão” pretendido nessa empreitada, e por fim interferindo até na vida das pessoas, que precisaram, nos casos mais extremos, sair dos lugares onde viviam e procurar outros meios de vida ou, pelo menos, modificar os seus hábitos, já que estes eram considerados, em sua maioria, “sujos”, logo, não eram compatíveis com a “civilização” que se estava tentando instalar¹⁰⁰. Nesse sentido, houve uma verdadeira transformação nos costumes das pessoas que moravam na capital, o que não quer dizer que esse foi um processo simples.

Apesar de todas as dificuldades que existiam para a sua implantação e aceitação por uma grande parte dos habitantes da cidade (que não aceitaram facilmente tantas mudanças), logo esse processo de higienização “forçada” ganhou o apoio de uma parte maciça dos intelectuais e da imprensa, que diariamente apontavam para os benefícios que essa política podia gerar, ao mesmo tempo em que condenava os velhos hábitos que eram parte da rotina da cidade antes que ela passasse por essa “regeneração”, como era dito pela imprensa da época:

Desencadeia-se (...) pela imprensa uma campanha, que se prolonga por todo esse período [de reconstrução da cidade], de “caça aos mendigos” visando a eliminação de esmoleres, pedintes, indigentes, ébrios, prostitutas e quaisquer outros grupos marginais das áreas centrais da cidade. Há mesmo uma pressão para o confinamento de cerimônias populares tradicionais em áreas isoladas do Centro, para evitar o contato entre duas sociedades que ninguém mais admitia ver juntas, embora fossem uma e a mesma.¹⁰¹

Essa visão negativa de costumes que antes eram tão rotineiros na vida dos habitantes fazia parte de uma “decisão política de expulsar as classes populares das áreas centrais da cidade [que] podia estar associada a uma tentativa de desarticulação da memória recente dos movimentos sociais urbanos”,¹⁰² que não seriam mais compatíveis com a nova realidade que se apresentava, constantemente associados com um passado de “trevas”, de atraso, que não se

⁹⁹ Um importante exemplo desse caso é a demolição do Cabeça de Porco, um dos principais cortiços do Rio de Janeiro que, apesar de ainda contar com centenas de moradores, acabou sendo alvo da reestruturação que atingiu a cidade e foi demolido com o apoio e a aclamação de boa parte da imprensa. Mais sobre essa história encontra-se em, CHALHOUB, 1996, p. 15-20.

¹⁰⁰ SEVCENKO, 2003, p. 45-47.

¹⁰¹ SEVCENKO, 2003, p.48.

¹⁰² CHALHOUB, 1996, p.26.

mostraria mais condizente com esses novos tempos. Além disso, existia também um grande esforço no sentido de tentar coibir e retirar da parte central determinados setores da população que eram associados diretamente com essas práticas e possuíam, na visão de várias autoridades, uma capacidade de subverter a ordem que começava a se instaurar, já que eram pertencentes às chamadas “classes pobres”, que nesse contexto também poderiam ser consideradas sinônimos de “classes perigosas”,¹⁰³ já que tais termos eram assim tratados no imaginário de várias camadas da população.

Desse modo, a população menos favorecida sofreu mais um tipo de consequência, tornando-se também o alvo principal de outro ponto desse processo de higienização: a limpeza física das ruas e das habitações coletivas que ficavam nessas áreas centrais da cidade e cujo objetivo era a contenção e eliminação das doenças contagiosas, que assustavam as autoridades e assolavam grande parte da população. Com isso, o poder público passou a utilizar de forma mais efetiva as teorias de médicos, que se tornaram muito populares nesse período, como diz Sidney Chalhoub:

Os intelectuais-médicos grassavam nessa época como miasmas na putrefação (...): analisavam a “realidade”, faziam seus diagnósticos, prescreviam a cura, e estavam sempre inabalavelmente convencidos de que só a sua receita poderia salvar o paciente. E houve então o diagnóstico de que os hábitos de moradia dos pobres eram nocivos e isto porque as habitações coletivas seriam focos de irradiação de epidemias (...).¹⁰⁴

Assim, surge o que o autor chama de “ideologia da higiene”,¹⁰⁵ que consistia em “imaginar que haveria uma forma ‘científica’ – isto é, ‘neutra’, supostamente acima dos interesses particulares e dos conflitos sociais em geral – de gestão dos problemas da cidade e das diferenças sociais nela existentes”,¹⁰⁶ ou seja, era uma forma de combater de maneira “racional” grande parte dos costumes da população mais pobre, como as habitações coletivas (os cortiços), com a argumentação de que elas eram prejudiciais à saúde e a integridade das pessoas da cidade, funcionando como foco de doenças e também de todos os tipos de “vícios” que condenavam essa parcela dos habitantes e colocavam em risco o restante. Defendia-se

¹⁰³ Os termos “classes pobres” e “classes perigosas” surgiram no século XIX para tentar explicar a possível relação entre a pobreza e a violência nas revoltas de trabalhadores, principalmente na Inglaterra e na França (cf. BRESCIANI, 2004, p. 109-122). No Brasil, essa relação surgiu através de leituras equivocadas que os parlamentares locais fizeram desses mesmos autores franceses e que passaram a incluir até mesmo os negros (cf. CHALHOUB, 1996, pp.20-29).

¹⁰⁴ CHALHOUB, 1996, p.29.

¹⁰⁵ CHALHOUB, 1996, p.29.

¹⁰⁶ CHALHOUB, 1996, p. 35.

então que somente através da destruição desses lugares tão insalubres é que a população poderia se livrar dos vários surtos que a acometiam ao mesmo tempo em que era possível instaurar uma nova ordem baseada no progresso e que consistiria em hábitos considerados mais saudáveis.

Esses costumes (e a sua adoção por grande parte da população da capital do país) encontraram-se então no centro da discussão dos intelectuais da época, como diz Sevcenko: “É esse conflito essencial [dos antigos hábitos *versus* os novos] que aflora na sociedade e nas consciências nesse momento, e que os principais autores do período buscarão resolver, para bem ou para mal, nas suas obras”.¹⁰⁷ Escritores de diferentes áreas começam, nesse momento, a tentar entender e explicar tanto as razões quanto as consequências de tal fenômeno. Uma parte considerável deles se mostra favorável ao novo modo de vida, tratando-o como uma “evolução”, um “avanço” em detrimento de um passado que envergonhava o país diante do resto do mundo.

Havia, porém, aqueles que não viam essa “nova sociedade” de um jeito tão animador. Para estes, o que era chamado de “civilização” significava, na verdade, um egoísmo que não permitia mais espaço para relações profundas, verdadeiras. Característica importada da Europa, esse comportamento individualista viria imbricado com a sociedade industrial, contrastando diretamente com uma tradição coletivista que, segundo eles, existia desde os tempos da Colônia, pautada por relações pessoais e que seria tão característica do brasileiro que já faria parte da tradição do país, e, provavelmente por essa razão, fosse considerada como algo a ser superado pelos novos tempos em que a indústria, o comércio e a vida nas cidades ganham maior importância:

Verifica-se a tendência à dissolução das formas tradicionais de solidariedade social, representadas pelas relações de grupos familiares, grupos clânicos, comunidades vicinais, relações de compadrio ou relações senhoriais de tutela. As relações sociais passam a ser mediadas em condições de quase exclusividade pelos padrões econômicos e mercantis, compatíveis com a nova ordem da sociedade. Por todo o lado ecoam testemunhos amargos sobre a extinção dos sentimentos de solidariedade social e de conduta moral, ainda vivos nos últimos anos da sociedade senhorial do Império. A nova sociedade orienta-se por padrões muito diversos daqueles e mais chocantes.¹⁰⁸

Assumido por grande parte das elites intelectuais como um parâmetro para se construir a sociedade, o modelo industrial trouxe consigo a crença predominante de que

¹⁰⁷ SEVCENKO, 2003, p.50.

¹⁰⁸ SEVCENKO, 2003, p. 55.

somente um modelo puramente baseado na racionalidade das ciências (em especial das consideradas *exatas*) seria capaz de ajudar o país a assumir uma postura que tornaria possível o tão desejado desenvolvimento. (...) “Uma ciência sobre o Brasil seria a única maneira de garantir uma gestão lúcida e eficiente de seu destino. Desacreditadas as elites tradicionais, só a ciência – e seus Prometeus portadores – poderia dar legitimidade ao poder.”¹⁰⁹. Porém, assim como na Europa, aqui esse tipo de pensamento também passou por reformulações e foi alvo de críticas, feitas, nesse caso, por aqueles que acreditavam que essa política era apenas mais um pretexto utilizado para justificar a ascensão de novas elites sem que isso significasse uma mudança efetiva na maneira de se exercer o poder.

4.2 Lima Barreto e a ciência em *A Nova Califórnia*

Um dos escritores mais importantes dessa época (embora isso não tenha sido reconhecido nesse momento) foi o carioca Afonso Henriques de Lima Barreto, um crítico dessa sociedade científica e individualista que surgiu principalmente após a República. Para ele, no Brasil havia ocorrido uma inversão de valores, e os postos mais altos, ao invés de serem ocupados por pessoas verdadeiramente capacitadas, eram lugares onde se trocavam favores e se atendiam conveniências, enquanto aqueles que possuíam real conhecimento de como exercer tais funções eram relegados às margens desse espetáculo que se tornou a República, desmoralizados por essa troca de posições. Como diz Sevcenko: “[Para Lima Barreto] o advento da República promoveu uma insólita elevação da incapacidade e da imoralidade, à custa da marginalização dos verdadeiros homens de valor”¹¹⁰. Como consequência direta disso, o que se tinha era um país de vistosos contrastes sociais, em especial nas cidades, onde se encontravam, lado a lado, a beleza estética e a miséria da maioria de sua população, que ficava escondida, sem conhecer e desfrutar daqueles avanços¹¹¹.

Valendo-se muitas vezes de uma linguagem irônica, que permitia aumentar os tons de sua crítica a essas estruturas vigentes enquanto facilitava a compreensão dessas obras como uma forma de entender a realidade, a sua escrita era recheada de observações pouco amistosas

¹⁰⁹ SEVCENKO, 2003, p. 105.

¹¹⁰ SEVCENKO, 2003, p. 224.

¹¹¹ SEVCENKO, 2003, p. 226.

e bastante pessimistas sobre esse sistema político, econômico e social que se formava no país, e que constituíam, muitas vezes, a espinha dorsal da sua narrativa. “(...) A politicagem desenfreada representava o pleno regime de irracionalidade administrativa percutindo por toda parte sobre todos, gerando mal-estar, insegurança, privação, miséria e marginalização. (...)”¹¹². Ligado a esse, outro aspecto pertinente de sua obra (e alvo frequente de suas críticas) era a concepção vigente sobre o conceito e o uso da ciência nessa nova realidade. Para Lima Barreto, havia um exagero na ideia de ver a ciência como o único lugar de onde podem ser construídas verdades e a única maneira possível de se desenvolver racionalmente; ao contrário, antes de qualquer “força exterior” que defina os rumos do conhecimento ou o destino das sociedades, é o homem que se mostra capaz de produzir esse tipo de saber e de levá-lo o mais longe que puder, modificando o meio ao seu redor e as relações entre si. Em outras palavras, ele

(...) compreende todo o saber como mera representação subjetiva da consciência. Resulta daí um relativismo definitivo, que rejeita *a priori* qualquer interpretação (...) que pretenda descortinar no comportamento humano ou nos processos históricos a ação de leis naturais imponderáveis. E se não são as potestades naturais que dirigem os homens, devem ser necessariamente os seus desígnios e a sua vontade, orientados por valores conscientemente estipulados, dentre os quais os mais elevados dizem respeito à verdade e a justiça entre os homens¹¹³.

Uma de suas histórias em que pode se notar esse aspecto é o conto *A Nova Califórnia*, escrito em 1910¹¹⁴. Nele, podem ser encontradas críticas à sociedade e aos métodos utilizados por tal racionalismo através da história de uma pequena cidade do interior chamada Tubiacanga; aqui, ela pode ser entendida como uma metáfora do próprio país, que, embora estivesse inserido dentro do processo “civilizatório” consolidado na Europa e nos Estados Unidos, ainda se encontrava longe de alcançá-lo devidamente, por mais que estivesse se esforçando para isso.

Habitada por todos aqueles tipos já conhecidos pela literatura da época (embora aqui eles apareçam de forma alegórica, parecendo caricaturas das obras românticas, algo bem característico na escrita de Lima Barreto), essa pequena cidade, que possui todos os costumes simples de um lugarejo do interior enquanto vê e tenta reproduzir aqueles que são trazidos da capital, muda a sua rotina a partir da chegada de um forasteiro, Raimundo Flamel, um homem

¹¹² SEVCENKO, 2003, p. 203.

¹¹³ SEVCENKO, 2003, p. 193-194.

¹¹⁴ Todas as citações desse conto são retiradas de BARRETO, Lima. *A Nova Califórnia – Contos*. São Paulo: Brasiliense, 1979. Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>. Acesso em 21 de fev. de 2016.

considerado “de ciência”, que possui hábitos reclusos e causa, em uma primeira impressão, estranheza nas pessoas, uma vez que seus costumes são considerados muito diferentes dos que eles tinham, e isso era encarado como algo estranho, pois o desconhecido poderia ser alguém com atividades ilegais ou até mesmo malignas¹¹⁵. Como dizem Silva e Agra¹¹⁶, “(...) Esse hábito de inferências não fundamentadas, quando muito, sustentadas apenas no ideário distorcido do senso comum revela-se como uma espécie de fraqueza humana por disseminar um tipo de prática moralmente desviada.”¹¹⁷, ou seja, os moradores, por mais que se interessassem pelos costumes que vinham de fora, ainda não conseguiam, muitas vezes, se livrar dos pensamentos típicos das mentes criadas nessas partes afastadas dos grandes centros.

O conceito dos habitantes de Tubiacanga sobre ele só se modifica quando um dos homens mais respeitados da cidade, o farmacêutico Bastos¹¹⁸, garante que Flamel é um homem de bem, químico conceituado, que provavelmente buscava apenas a tranquilidade de uma cidade do interior para desenvolver algum novo trabalho. A partir daí, os habitantes passam a vê-lo com admiração e até mesmo reverência, e o que antes era motivo de desconfiança se transforma em algo de grande valor, que merece o respeito daquela gente. O próprio Flamel, embora não tenha modificado a sua atitude em relação aos moradores, passa a ser bastante admirado por eles¹¹⁹, sendo a exceção constituída pelo Capitão Pelino, outro tipo de sábio (era gramático, formado em letras) também bastante respeitado por todos. Nesse ponto, é importante destacar a importância dessa outra espécie de intelectual dentro da dinâmica do funcionamento da cidade. Embora não fosse um “homem de ciência”, mas um “homem de letras”, ele também representava uma autoridade, pois detinha conhecimentos que não eram compartilhados pela maioria da população e, ainda que soasse irritante, pois levava

¹¹⁵ Um exemplo disso pode ser visto quando o novo morador encomenda um forno na sua sala de jantar, algo bastante extravagante para aquela gente, principalmente nos dias seguintes, quando o pedreiro relata que viu na casa “balões de vidros, facas sem corte, copos como os da farmácia — um rol de coisas esquisitas a se mostrarem pelas mesas e prateleiras como utensílios de uma bateria de cozinha *em que o próprio diabo cozinhasse.*” (BARRETO, 1979, p.6; grifo nosso).

¹¹⁶ SILVA, T. N.; AGRA, M. L. de S. A desconstrução da sociedade em *A nova Califórnia*. In: **Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 1. n. 1., 2012, p. 44-55.

¹¹⁷ SILVA; AGRA, 2012, p.46.

¹¹⁸ Sobre Bastos, diz-se que é “Homem formado e respeitado na cidade, vereador, médico também” (BARRETO, 1979, p.6), ou seja, é outro homem “de ciência”, e também que “a opinião de Bastos levou tranquilidade a todas as consciências” (*Ibidem*, p.6), o que é outra evidência, no conto, do alto grau que tinha o conhecimento científico (e seus portadores) dentro da sociedade.

¹¹⁹ Isso fica evidente quando o autor diz, não sem alguma ironia, que “tocava muito o coração daquela gente a profunda simpatia com que ele tratava as crianças, a maneira pela qual as contemplava, parecendo apiedar-se de que elas tivessem nascido para sofrer e morrer” (BARRETO, 1979, p.6).

muito a sério a sua formação e estava sempre corrigindo os menores erros gramaticais (mesmo aqueles que cometidos por pessoas ilustres, fosse da cidade ou mesmo da capital), era bastante respeitado e viu, com a chegada do forasteiro, uma ameaça a esta posição que ocupava. “O receio de perder o posto de autoridade, receio este que só veio a aumentar com a chegada de Raimundo Flamel, era o componente motriz da monolítica forma de agir do Capitão”¹²⁰. Em uma possível interpretação da cidade de Tubiacanga como uma alegoria do Brasil, o Capitão Pelino, ao ser mostrado como “um representante ortodoxo do purismo linguístico”¹²¹ que Lima Barreto tanto criticava e ironizava em suas obras¹²², poderia representar certos intelectuais (que se tornavam cada vez mais numerosos) muito preocupados com a forma de seus discursos, sem que tivessem o mesmo cuidado com o conteúdo dos mesmos.

Continuando a narrativa, um dia, surpreendentemente, o químico sai de seu isolamento para falar com Bastos, que não esconde a sua surpresa e até mesmo alguma emoção com a visita. Nesse encontro, Flamel relata a sua incrível descoberta e pede que o farmacêutico e mais dois homens de confiança compareçam à sua casa para que possam ver e dar o seu testemunho de um procedimento científico que consegue transformar, segundo ele, ossos humanos em ouro (embora ele não apresente maiores detalhes sobre o experimento). Após alguma reflexão, são escolhidos “o rico e quase ateu Coronel Bentes”¹²³ e o Tenente Carvalhais que, segundo Bastos, é “homem de confiança, sério, mas (...) maçom.”¹²⁴. Eles vão ao laboratório de Flamel que, pouco tempo após a “apresentação”, some sem deixar rastros. A partir daí, na pacata cidade começam a ocorrer casos de roubos aos túmulos que apavoram e unem toda a população, que não está habituada a nenhum tipo de crime,¹²⁵ e cuja morte se

¹²⁰ SILVA; AGRA, 2012, p.48.

¹²¹ SILVA; AGRA, 2012, p. 47.

¹²² SEVCENKO, 2003, p.196.

¹²³ SILVA; AGRA, 2012, p. 50.

¹²⁴ BARRETO, 1979, p.8.

¹²⁵ Aqui pode-se perceber novamente a ironia que tanto caracterizava Lima Barreto quando o autor afirma que “O único crime notado em seu pobre cadastro [da cidade de Tubiacanga] fora um assassinato por ocasião das eleições municipais; mas, atendendo que o assassino era do partido do governo, e a vítima da oposição, o acontecimento em nada alterou os hábitos da cidade (...).” (BARRETO, 1979, p.8).

apresenta, no imaginário daquelas pessoas, como algo que unifica a todos que em vida são separados por diferentes motivos¹²⁶, já que

A indignação na cidade tomou todas as feições e todas as vontades. A religião da morte precede todas e certamente será a última a morrer nas consciências. Contra a prolanação [sic], clamaram os seis presbiterianos do lugar (...); clamava o Agrimensol Nicolau, antigo cadete, e positivista do rito Teixeira Mendes; clamava o Major Camanho, presidente da Loja Nova Esperança; clamavam o turco Miguel Abudala, negociante de armarinho, e o cético Belmiro, antigo estudante, que vivia ao deus-dará, bebericando parati nas tavernas. (...)¹²⁷.

Desse modo, a população se espanta e se revolta e começa a ir ao “Sossego”, (como é chamado o cemitério) para proteger os ossos de seus entes queridos e pegar as pessoas que estivessem cometendo esse ato considerado tão desrespeitoso aos mortos. Após alguns dias de vigilância, finalmente conseguem pegar os responsáveis por esses crimes e descobre-se, para a surpresa da população (mas não do leitor) que são o Tenente Carvalhais (que morre pelas mãos da população revoltada), Bastos (que foge a princípio) e o Coronel Bentes que, para não ter o mesmo destino do seu comparsa, conta para todos sobre a experiência que transformava ossos humanos em ouro que eles estavam repetindo (já que eram os únicos na cidade que detinham o conhecimento para isso). Diante da euforia e certa incredulidade da população, vão todos até a farmácia de Bastos, que como prova apresenta uma barra de ouro legítima e promete entregar o segredo escrito no dia seguinte, desde que lhe poupem a vida. Mesmo com alguns protestos, o povo resolve esperar e, durante a noite, mesmo que externamente não acreditem que tal processo seja possível, fazem planos internos para o ouro que podem conseguir.

Assim, com a mesma energia com que no dia anterior discursavam contra o arrombamento das sepulturas, vão todos da cidade até o cemitério com o objetivo de pegar o máximo possível de ossos, aparentemente enfrentando os próprios receios e esquecendo-se do respeito aos mortos em nome de algo muito mais importante. Obviamente, isso gera desentendimentos e resulta em uma matança indiscriminada, de modo que “De manhã, o cemitério tinha mais mortos do que aqueles que recebera em trinta anos de existência”¹²⁸ e de onde escapam ilesos apenas o boticário, que vai embora da cidade com o segredo, e o bêbado Belmiro, alheio a tudo que aconteceu.

¹²⁶ Sobre o modo como a questão da morte é retratada na obra e as possíveis influências do autor, cf. SILVA; AGRA, 2012, p. 50-51.

¹²⁷ BARRETO, 1979, p.8.

¹²⁸ BARRETO, 1979, p.9.

Usando mais uma vez a metáfora de Tubiacanga como o Brasil, é possível interpretar Belmiro como uma espécie de alter ego de Lima Barreto, que se encontra à margem da confusão, muito mais seduzido por uma garrafa de parati do que pelo sonho do ouro fácil; ele é um mero observador de toda a história, alguém a quem ninguém dá importância (pois mal é citado ao longo do conto), mas que é o único capaz de perceber a falta de propósito daquela busca. Também se torna possível compreender melhor figuras como a da “elite” representada pelo Coronel Bentes e pelo Tenente Carvalhais, que mesmo tendo dinheiro e, conseqüentemente, posição de destaque dentro da cidade (já que possuíam considerável espaço na política local) não hesitaram em se rebaixar para conseguir mais, agindo como a própria elite que tomava conta do país, muitas vezes com um discurso de desenvolvimento para melhorar a vida de todos, mas com atitudes que demonstravam que fariam exatamente o oposto para manter-se no poder. “O autor caracterizava essa nova sociedade de referências fluidas como (...) o sistema que premiava a ‘brutalidade’, o ‘egoísmo’, o ‘banal’, a ‘decadência dos costumes’, o ‘gosto de massa’ e o ‘preconceito’.”¹²⁹. Ou seja, para ele, a República era algo que tinha se desenvolvido de maneira que os seus comandantes não eram os que possuíam mais capacidade, mas os que sabiam, de maneira mais eficiente, como manobrar com esses valores distorcidos e, assim, ganhar o máximo de dinheiro possível se beneficiando, muitas vezes, em detrimento de grande parte da população.

Outra leitura que pode ser feita desse pequeno conto é a da forma como a sociedade se comporta diante de novas possibilidades e do impacto (especificamente o negativo) que descobertas científicas podem causar na vida de pessoas comuns. É possível que Flamel, o “homem de ciência”, fosse alguém com boas intenções, preocupado com os mais pobres e interessado em melhorar a vida das pessoas (embora os seus verdadeiros interesses não fiquem explícitos). Dessa maneira, até o seu isolamento se explicaria como uma forma de ter maior tranquilidade para realizar os seus experimentos, um distanciamento necessário aos cientistas para que possam se dedicar mais as suas descobertas. Mesmo assim, os resultados de sua experiência geram terríveis conseqüências para aqueles que estão a sua volta e que colocam os próprios interesses acima de qualquer outra coisa. Isso, de algum modo, aproxima a mensagem dessa história de outra que, embora tenha sido escrita quase cem anos antes, partilhava muito dos receios, das certezas e também das incertezas dos seus respectivos autores.

¹²⁹ SEVCENKO, 2003, p.225.

4.3 *Frankenstein e A Nova Califórnia: divergências e convergências*

Quando é feita uma leitura mais aprofundada tanto do conto *A Nova Califórnia* quanto do livro *Frankenstein* podem ser percebidas algumas semelhanças, principalmente no que diz respeito ao tratamento de certo modo respeitoso que se dá à ciência em si, considerada uma forma de conhecimento e de desenvolvimento da sociedade, algo que, se for tratado da maneira certa por pessoas realmente interessadas, é capaz de melhorar a humanidade, mas que, nas duas histórias, é fatalmente deturpada em seu objetivo por indivíduos que buscam apenas benefícios pessoais.

Isso pode ser percebido, no caso do conto, na figura de Flamel, que, mesmo que possivelmente utilize processos alquímicos para fazer o seu experimento, é um homem de ciência que parece prestar atenção nos problemas da humanidade. “Raimundo Flamel é descrito (...) com uma aura até certo ponto solidária, visto que seu olhar diáfano para com os excluídos não faz distinções preconceituosas, trazendo até um sentimento de conforto.”¹³⁰. Embora esse sentimento não seja aparentemente compartilhado com a população ao seu redor, com quem se relaciona de maneira breve e ocasional¹³¹, nota-se, através dos seus poucos pensamentos que chegam até o leitor, que ele é alguém preocupado com a miséria que o cerca e de que maneira, usando os seus conhecimentos, ele pode tentar melhorar isso. “Para o cientista, mais preocupado com a prática efetiva em vez da teoria pavonácea das palavras, era inadmissível qualquer procedimento que conotasse despreocupação para com o próximo.”¹³². Ou seja, pode ser percebida aqui uma visão positiva daqueles que trabalham a parte mais exata da ciência, já que essa poderia ser encarada como o mais eficiente dos meios para o desenvolvimento harmonioso e definitivo da humanidade contrastando, nesse caso, com as correntes literárias que, em uma possível interpretação, representam outro tipo de ciência, que serviria apenas para apontar soluções vazias e iludir as pessoas. Era “(...) como se Flamel acreditasse ser essa estética literária [o Romantismo característico dos intelectuais do século

¹³⁰ SILVA; AGRA, 2012, p. 49.

¹³¹ Isso fica exemplificado quando o químico vai visitar Bastos deixando-o muito surpreso, já que “O sábio [Flamel] não se dignara até aí visitar fosse quem fosse e, certo dia, quando o sacristão Orestes ousou penetrar em sua casa, pedindo-lhe uma esmola para a futura festa de Nossa Senhora da Conceição, foi com visível enfado que ele o recebeu e atendeu.” (BARRETO, 1979, p.7).

¹³² SILVA; AGRA, 2012, p. 49.

XIX] uma espécie de nefelibatismo artificial despreocupado com a realidade.”¹³³, ou seja, algo que se afasta do objetivo principal da ciência quando se distancia do próprio conceito de ciência (no sentido de algo exato).

No caso do livro, é possível perceber uma visão semelhante quando se observa o quadro em que se dá a transformação das convicções do protagonista. A princípio, ele tem contato com crenças obsoletas que, apesar de não serem mais consideradas válidas, é onde monta a sua primeira visão de mundo; passa por uma “iluminação”, vinda pelo contato com as ciências exatas através de um modelo formal de ensino (a universidade), onde poderia ter sido evitada a sua tragédia; até voltar para o mergulho em práticas obscuras que nem se encaixariam, a princípio, na noção de “ciência” defendida na época. Nesse ponto, a figura do “cientista puro” (no caso, os professores universitários de Victor¹³⁴) também é, nas suas diferentes faces, preservada e tratada de forma positiva, como guardiões e propagadores de um conhecimento considerado verdadeiro e que rejeitam, de maneiras distintas, qualquer forma heterodoxa de se chegar a ele.

Porém, o antagonismo nesse caso não reside nas letras (ou na área mais “humana” do estudo científico), mas em uma parte ligada ao ser humano em si (biologicamente falando) e que, ao lidar com a vida e a morte, encontra-se perigosamente com a religião, considerado um território proibido. A falta de ética aqui não se encontra, como no conto, na hipocrisia de poderosos que se utilizam de um conhecimento escuso para obter mais dinheiro (e, como consequência implícita, mais poder e prestígio) do que já possuíam; ela vem do desejo por outro tipo de poder, que não resultaria necessariamente em dinheiro (já que essa é uma questão que praticamente não é abordada no livro), mas relacionado com a ideia de tentar tomar o lugar de Deus, já que ele mesmo afirma, lembrando as suas ambições enquanto realizava as experiências, que “(...) Uma nova espécie abençoar-me-ia como seu criador e sua origem; muitas naturezas felizes e excelentes deveriam a mim a existência. Nenhum pai poderia reivindicar a gratidão do filho tão completamente como eu mereceria a deles. (...)”¹³⁵. Esse desejo de não ser esquecido pelos homens na efemeridade da vida e obter um lugar entre aqueles que conseguiram se tornar imortais perante a humanidade e, de quebra, fazer isso

¹³³ SILVA; AGRA, 2012, p. 49.

¹³⁴ No livro são retratados dois professores: o sr. Krempe, de personalidade mais ríspida, de quem a princípio Victor não gosta, mas passa a admirar; e o sr. Waldman, mais simpático e tolerante, que se torna o incentivador (mesmo que indiretamente) para que ele continue com os estudos que resultam na sua ruína.

¹³⁵ SHELLEY, 2012, p.54.

através de uma prática tida como científica é a causa da ruína do protagonista, pois ele lida com algo que é, nesse momento, aparentemente proibido para os homens: a fronteira entre a vida e a morte.

Durante esse processo, Frankenstein relata parte das coisas degradantes que fez para obter sucesso em seus experimentos: “(...) com impaciência incansável e ofegante, eu perseguia a natureza em seus esconderijos. Quem poderá imaginar os horrores dos meus esforços secretos enquanto eu chapinhava entre os profanos vapores do túmulo ou torturava o animal vivente para animar o barro sem vida?”. (...) Eu recolhia ossos nos ossários e perturbava, com dedos profanos, os tremendos segredos do corpo humano. (...)”¹³⁶. Essa “falta de respeito” com os cadáveres demonstra também a ausência de limites para conseguir o seu objetivo, pois mexer com os mortos em seu local de descanso eterno era o pior que se poderia esperar de qualquer pessoa, principalmente de alguém que deveria ter como missão a melhoria da humanidade. Dessa forma, ele (...) “É, então, castigado por não respeitar a ‘Grande Mãe Natureza’ e, pelo contrário, querer subvertê-la (...)”¹³⁷, e não poderia haver outra punição possível para quem se utilizasse de tal expediente que não fosse a cair em desgraça, vendo tudo de importante desaparecer pelas mãos da criatura a quem dedicou tanto tempo e energia, perdendo a própria alma no processo.

Sob esse aspecto, o conto também trata dessa questão de “profanar os mortos em seu lugar de descanso”, mostrando isso como algo degradante ao ser humano e que mereceria uma severa punição, uma vez que (como mencionado anteriormente) a fronteira que separa a vida e a morte se encontra, aqui, como um tabu que não pode ser quebrado, já que esse descanso é entendido pelos habitantes como sagrado e algo que os unifica pelo medo do desconhecido e pelo castigo destinado àqueles que atravessassem tal divisa de uma maneira considerada tão vil. Em outras palavras: “A reação das pessoas sobre o acontecido acionou as mais diversas concepções que, embora se particularizassem por certos dogmas, gozavam todas de uma mesma preocupação: a morte.”¹³⁸. Essa preocupação chega a tal nível que a população suspende as suas atividades mais triviais e vai até o cemitério vigiar os seus entes queridos para identificar e fazer a sua própria justiça contra os infratores. Mesmo que, ao se descobrir o verdadeiro objetivo de tal profanação, esse temor acabe sendo suplantado pelo profundo

¹³⁶ SHELLEY, 2012, p. 55.

¹³⁷ La ROCQUE; TEIXEIRA, 2001, p.18.

¹³⁸ SILVA; AGRA, 2012, p. 50-51.

desejo de ter mais dinheiro, e qualquer punição oriunda de tais práticas se torne insignificante quando comparada a possibilidade de uma melhor qualidade de vida material, o ato de brincar com essa fronteira ainda é mostrado como algo de que não se pode escapar incólume, já que aqueles que vão até o cemitério com essa intenção acabam, em sua maioria, entrando em disputas que culminam com a morte deles próprios.

Ademais, é possível perceber outro aspecto abordado no conto (ainda que de forma muito superficial) quando se observa a reação de uma personagem em particular: a jovem Cora, filha do engenheiro da cidade. “Para ela, de início, o traslado do material humano putrefato em nada lhe importava. Todavia, ao tomar consciência de que futuramente a sua própria ossatura que um dia foi revestida por uma tez macia e encantadora poderia estar em risco de não mais descansar eternamente, (...) a indignação (...) também assomou a jovem.”¹³⁹. Nesse caso, é interessante notar o modo como Cora é referida ao longo do conto, destacando-se sempre a sua beleza, que se faz notar mesmo nas situações mais inusitadas, como no cemitério, em que, conta o autor:

Cora, a linda e deslumbrante Cora, com os seus lindos dedos de alabastro, revolvía a sânie das sepulturas, arrancava as carnes, ainda podres agarradas tenazmente aos ossos e deles enchia o seu regaço até ali inútil. Era o dote que colhia e as suas narinas, que se abriam em asas rosadas e quase transparentes, não sentiam o fétido dos tecidos apodrecidos em lama fedorenta...¹⁴⁰

Embora essa aparente “necessidade” de se ressaltar a beleza de Cora seja fruto da ironia que se fazia presente em sua obra e do seu desprezo por boa parte do Romantismo clássico feito no Brasil (cujas obras eram quase sempre bastante preocupadas em destacar e reiterar a beleza, ingenuidade e bondade de suas mocinhas), essa questão do tratamento dado para as mulheres nessa época e de sua relação com as descobertas científicas e seus desdobramentos é algo pertinente de ser observado.

No livro de Mary Shelley, por exemplo, as mulheres têm um papel muito bem definido dentro da história, sendo relegadas a uma posição de submissão e em relação aos homens. Como dizem La Rocque e Teixeira:

[As mulheres da história] São companheiras passivas, como Elizabeth Lavenza, a desditosa noiva de Victor, que só faz esperar pelo destino trágico que a abraça, ou Caroline Beaufort, a mãe de Victor, que morre ao se arriscar deliberadamente,

¹³⁹ SILVA; AGRA, 2012, p. 51.

¹⁴⁰ BARRETO, 1979, p.9.

tratando a varíola contraída por Elizabeth. Todas encarnam, assim, uma ideia de mulher totalmente abnegada e auto-sacrificada.¹⁴¹

Tal postura, afirmam esses autores, embora seja aparentemente desempenhada de boa vontade pelas mulheres do romance, não escapa de uma punição, já que elas apresentam, sem exceção, um destino trágico¹⁴². “Talvez possamos, então, conjecturar que a autora quisesse, justamente, com a aparente falta de resolução no que tange à ambição e ao egoísmo masculinos em face da passividade feminina, chamar atenção para esse estado de coisas e alertar para as possíveis – e nefastas – consequências do desequilíbrio de poder entre os sexos”¹⁴³.

Todos esses aspectos são interessantes de ser analisados na medida em que podem ajudar a compreender algumas das semelhanças e diferenças no processo que tornou a sociedade, em vários aspectos, mais racional e científica e de que forma ele se desenrolou na Europa, onde teve início, e também no Brasil, através da comparação entre as duas obras de arte.

¹⁴¹ La ROCQUE; TEIXEIRA, 2001, p.19.

¹⁴² Além de Elizabeth e Caroline, já citadas, a outra mulher do romance é a criada Justine Moritz que, acusada injustamente de um crime (na verdade cometido pela criatura) morre na forca praticamente sem apresentar resistência ou mesmo revolta pelo seu destino.

¹⁴³ La ROCQUE; TEIXEIRA, 2001, p.21-22.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por tudo que foi apresentado neste trabalho, é possível fazer algumas considerações a respeito do papel que a literatura (especialmente as duas obras estudadas) desempenha na construção da sociedade ao explorar as várias possibilidades ficcionais de se lidar com questões de caráter científico.

Para compreender em qual momento aproximadamente surge essa escrita tão interessada (e temerosa) nas mudanças que estão acontecendo, é preciso se debruçar um pouco sobre essa sociedade industrial, onde a relação das pessoas com o trabalho, o tempo e umas com as outras se modifica de maneira profunda, e cujas bases são sentidas até os dias de hoje. Da mesma maneira, modificam-se as relações com a ciência, que passa a fazer parte do cotidiano da população, que começa a conviver de perto com as descobertas científicas e seus consequentes avanços tecnológicos. Em outras palavras: “(...) antes da Revolução Industrial, estas mudanças eram imperceptíveis pelo homem dentro do seu tempo de vida, quase estáticas. Somente com a industrialização, os avanços gerados pela ciência e utilização da tecnologia ocasionaram em mudanças sociais mais céleres, tornando-as assim, perceptíveis (...) pelos indivíduos.”¹⁴⁴

É dentro desse contexto que surge a literatura de ficção científica (embora existam outras teorias sobre as origens desse tipo de história¹⁴⁵), da qual *Frankenstein* é considerado pioneiro, por ser o primeiro romance a “(...) fazer uso de uma descoberta científica, neste caso os estudos do anatomista italiano Luigi Galvani acerca da ‘bioeletrogênese’, para infundir lógica à criação do monstro de Victor Frankenstein, tornando sua criação plausível.”¹⁴⁶. Assim, pode-se afirmar que “Mary Shelley (...) utilizou a literatura para especular, ao mesmo tempo em que denunciou o descontrole das práticas científicas, seus possíveis resultados e consequências.”¹⁴⁷. Com isso, a obra teve relativa repercussão do público na época e depois,

¹⁴⁴ MARTINS, 2014, p. 55.

¹⁴⁵ É o caso do francês Pierre Versins, que atribui as origens da ficção científica a epopeia de Gilgamesh., “constituída por uma série de poemas escritos na época da civilização suméria arcaica (possivelmente no ano 2100 a. C.)” (MARTINS, 2014, p. 54).

¹⁴⁶ MARTINS, 2014, p. 56.

¹⁴⁷ SANTOS, Naiara Sales Araújo. Frankenstein: da Literatura ao Cinema. In: _____. **O Discurso (pós)moderno em foco: Literatura, Cinema e outras Artes**. São Luís: EDUFMA, 2014, p. 14.

fixando-se no imaginário popular e cuja influência pode ser sentida ao longo do tempo e de diferentes maneiras nos mais diversos lugares.

O Brasil não escapou desse processo de industrialização (que aqui ocorreu no começo do século XX, coincidindo com a consolidação do regime republicano no país) que se deu com a tentativa de equiparação dos seus centros (em especial o Rio de Janeiro, capital do país) com as grandes cidades europeias através da “limpeza” (no sentido mais abrangente da palavra) utilizando-se de uma justificativa “científica”. Os abusos que eram cometidos nesse sentido, embora fossem minimizados pelos entusiastas dessas políticas, não escapavam das denúncias feitas por parte dos intelectuais, que questionavam até que ponto isso era benéfico para a população e o país.

Essa é uma das perspectivas em que pode ser estudado o conto *A Nova Califórnia*. A crítica ao cientificismo exagerado e principalmente ao (mau) aproveitamento dado as descobertas que poderiam ser muito benéficas se faz presente aqui com a ironia característica de Lima Barreto e aproxima essa obra do romance de Mary Shelley.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Lima. **A Nova Califórnia – Contos**. São Paulo: Brasiliense, 1979.
Disponível em: <<http://www.bibvirt.futuro.usp.br>>. Acesso em 21 de fev. de 2016.
- BIOGRAFIA DE LIMA BARRETO. [Online]. Disponível em:
<www.ebiografia.com/lima_barreto>. Acesso em 24 de jun. de 2017.
- BORGES, Jorge Luís. **Curso de Literatura Inglesa**. ARIAS, Martín. HADIS, Martín (Org.) São Paulo: Martins Fontes, 2002.
- BRESCIANI, Maria Stella Martins. **Londres e Paris no século XIX: o espetáculo da pobreza**. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- CHALHOUB, Sidney. **Cidade febril: cortiços e epidemias na Corte imperial**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. In: _____. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL/BERTRAND, 1990, pp. 13-28.
- ELIAS, Norbert. **Mozart, sociologia de um gênio**. SCHRÖTER, Michael (Org.) Rio de Janeiro: Zahar, 1995.
- FIGUEIREDO, Guilherme Galvão de. **Frankenstein: Romantismo, Filosofia, e Ciência ao fim do século XVIII e início do XIX**. 2009. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.
Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/21350>>. Acesso em 08 de dez. de 2016.
- FIGUEIREDO, Renato Pereira de. **Frankenstein, o prometeu moderno: ciência, literatura e educação**. 2009. 137 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.
- FRANKENSTEIN: A new reality! [Online]. Disponível em
<<http://web.quipo.it/frankenstein/maryshelley.htm>>. Acesso em 24 de jun. 2017.

HOBBSAWN, Eric J. **A Era das Revoluções: Europa 1789-1848**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

La ROCQUE, L. de. e TEIXEIRA, L.A. *Frankenstein*, de Mary Shelley e *Drácula*, de Bram Stoker: gênero e ciência na literatura. In: **História, Ciências, Saúde**. Manguinhos, vol. 8, n.1: p. 10-34, mar.-jun. 2001.

MARTINS, Jucélia de Oliveira. I, (Good or Bad) Robot?: A Incidência do Complexo de *Frankenstein* na Versão Literária e Cinematográfica do Clássico Asimoviano. In: SANTOS, Naiara Sales Araújo (org.). **O Discurso (pós)moderno em foco: Literatura, Cinema e outras Artes**. São Luís: EDUFMA, 2014, p. 45-75.

MAYER, Arno J. **A Força da Tradição: a persistência do Antigo Regime (1848-1914)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 13-25.

MALTHUS, Thomas Robert. **Ensaio sobre a população**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2012.

RODRIGUES, F. F. X. O cientista e a religião: refletindo sobre ciência a partir da obra literária “Frankenstein”, de Mary Shelley. **Correlatio**, 2010, 6.11: 66-74.

RUIZ, C. R. *Frankenstein* de Mary Shelley e sua mensagem perene sobre a responsabilidade da ciência sob a luz da Bioética. In: **Arquivos Brasileiros de Ciências da Saúde**. Santo André, vol.34, n.3, p. 196-200, set.-dez. 2009.

SANTOS, Naiara Sales Araújo. Frankenstein: da Literatura ao Cinema. In: _____. **O Discurso (pós)moderno em foco: Literatura, Cinema e outras Artes**. São Luís: EDUFMA, 2014, p. 13-43.

SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SHELLEY, Mary. **Frankenstein ou o Prometeu Moderno**. São Paulo: Martin Claret, 2012.

SILVA, T. N.; AGRA, M. L. de S. A desconstrução da sociedade em *A nova Califórnia*. In: **Migulim – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, vol. 1. n. 1., p. 44-55, 2012.

SOUZA, Roberto Acízelo de. A História Literária. In: _____. **História da Literatura: Trajetórias, Fundamentos, Problemas**. São Paulo: É Realizações Editora, 2014, pp. 51-71.

THOMPSON, E. P. **Costumes em Comum**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

WHITE, Hayden. **Meta-História: A Imaginação Histórica do Século XIX**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1995, pp. 17-56.